

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

PAULO AIRTON HARTMANN

FEUERBACH E O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO

Porto Alegre

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

FEUERBACH E O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza

Porto Alegre

2012

PAULO AIRTON HARTMANN

FEUERBACH E O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 29 de agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza

Prof. Dr. Agemir Bavaresco

Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus (FFCH)

Para minha esposa Luciane,
grande incentivadora e apoiadora
nesta empreitada e em todos os
momentos de nossa vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza,
pela orientação, amizade e estímulo permanente.

Aos meus pais
Paulo Hartmann e Lira Maria Hartmann,
Maria Angelita (irmã) e Adriano (sobrinho)
pelo amor e exemplo de dedicação, ética e trabalho.

À minha esposa
Luciane Hartmann
pelo amor e pelo exemplo de esposa e mãe, determinação e superação.

Aos meus filhos
Paulo Henrique Hartmann e João Paulo Hartmann
pela compreensão em muitos momentos.

À minha sogra
Jaci Maria de Ávila Fontoura
minha segunda mãe, pelo exemplo de perseverança e amor.

À CAPES,
pela bolsa de estudos, sem a qual não teria alcançado este objetivo.

À PUCRS
pela estrutura disponibilizada

Aos professores da banca
pela dedicação e colaboração.

“Der Weg zu sich selbst ist der
weiteste Weg, den wir gehen”.

(Friedrich Leist)

RESUMO

Feuerbach responde à pergunta: de onde e como surge a religião? O homem, dotado de inteligência e consciência, é capaz de pensar-se como indivíduo e como espécie. Como indivíduo percebe-se limitado. Como espécie descobre a sua essência. Sua essência e todas as suas potencialidades e desejos ele as projeta para fora de si e as chama Deus. Feuerbach, com seu ateísmo, quer restituir ao homem a dignidade perdida e demonstrar que a teologia é, na verdade, uma antropologia. Por fim faz-se a crítica da crítica de Feuerbach.

Palavras chave: Feuerbach, Ludwig. Antropologia Filosófica. Religião. Crítica.

ABSTRACT

Feuerbach answer the question: Where and how the religion arises? The man, endowed of intelligence and consciousness, is able to think as individuals and as species. As an individual perceives limited. As a species finds its essence. His essence and all its potentials and wishes, he projects this to out of himself and call this of God. Feuerbach, with his atheism, wants repay to man the dignity lost and shows that theology is, on reality, an anthropology. Finally is made the critique of Feuerbach's critique.

Keywords: Feuerbach, Ludwig. Philosophical Anthropology. Religion. Criticism.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO.....	13
1 BIOBIBLIOGRAFIA.....	18
1.1 Vida	18
1.2 Cronologia das principais obras	22
2 O HOMEM FEUERBACHIANO	24
2.1 Consciência e essência humana	25
2.2 As três forças essenciais do gênero	28
2.3 A infinitude da consciência	31
3 A RELIGIÃO	34
3.1 Fundamentos da religião	35
3.2 Relação entre essência e existência, sujeito e predicado ...	38
3.3 A inversão predicado - sujeito	40
3.4 Deus versus homem	41
3.5 A alienação	43
3.6 A objetivação da consciência é Deus	44
4 O CONTEÚDO CRISTÃO NA CRÍTICA DE FEUERBACH	
4.1 Deus como ser moral	48
4.2 A encarnação de Deus	51

4.3	Um Deus que sofre	52
4.4	Sobre a Trindade e a Mãe de Deus	53
4.5	A palavra e imagem divinas	58
4.6	Criação e providência	59
4.7	Afetividade e oração	62
4.8	A ressurreição e o nascimento sobrenatural de Cristo	64
4.9	O celibato como antevisão da vida celestial	65
4.10	Considerações	66
5 O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO		68
5.1	Deus como projeção humana	70
5.2	A redução de teologia à antropologia	70
6 APONTAMENTOS CRÍTICOS		75
CONCLUSÃO		81
BIBLIOGRAFIA		84

PREFÁCIO

Feuerbach ainda hoje é pouco conhecido, talvez por estar entre dois grandes filósofos ocidentais, Hegel e Marx. Foi deixado um pouco de lado pela própria academia alemã do séc. XIX, extremamente hegeliana, grande valorizadora dos trabalhos de Hegel. O aluno de Hegel não construiu uma carreira de prestígio nas universidades alemãs, também em função de preconceitos contra o seu ateísmo e sua filosofia extremamente crítica quanto à religiosidade e ao cristianismo; depois de poucos anos acabou até mesmo deixando a carreira como professor universitário. Mais tarde Feuerbach foi recuperado à filosofia por Karl Marx em função de suas formulações a respeito de alienação e da relação entre alienação e religião.

Meu contato com o pensamento de Feuerbach deu-se na graduação, quando ainda estava no Seminário Maior de Viamão, no processo de formação para o sacerdócio. Na ocasião o estudo mais aprofundado deste pensador representou uma antítese às minhas crenças, mas também uma verdadeira atitude filosófica, na medida em que me permiti e me dispus a olhar com olhos críticos as minhas crenças e práticas. Admirei Feuerbach pelo seu empenho e autenticidade até o final de sua vida, em perseguir a verdade, pelo bem da filosofia, mesmo à custa de ser relegado ao quase esquecimento e à tentativa de diminuição da importância de sua obra. Com certeza, a sua crítica à religião motivou crentes e não crentes a buscarem razões às suas próprias convicções, a despertarem a sua consciência em busca da verdade.

A importância deste trabalho pode estar na atualização do pensamento deste autor em nossos dias em que a secularização encontra sempre mais espaço nos debates filosóficos e na vida das pessoas. Feuerbach tem grande importância neste processo pelo qual o mundo tem passado e ainda passa.

Neste trabalho pesou muito o estímulo e confiança de meu sempre professor Dr. Draiton Gonzaga de Souza, que me fez sempre acreditar em mim, o aprendizado que tive com meus professores do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, em especial o professor Dr. Ricardo Timm de Souza, com quem tive mais contato, por representar para mim a verdadeira figura de um filósofo. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de estudos concedida durante a realização do Mestrado. Por fim, meu agradecimento aos professores que compuseram, com o orientador, a comissão examinadora desta dissertação.

INTRODUÇÃO

O homem, movido por um profundo e insaciável amor pela sabedoria, pergunta. Na antiguidade, sua admiração pelo cosmos o levava a perguntar sobre a origem e ordem no universo. A admiração, para Platão é o estado do homem que ama muito a sabedoria, sendo este o começo da filosofia. Sócrates volta-se ao homem com a admiração daquele que busca conhecer a si mesmo. Assim, “o homem não é apenas o sujeito da admiração, mas também o seu objeto”¹.

O ser humano é um ser rico, pois apresenta múltiplas dimensões². O *homo sapiens*, que conhece, o *homo ludens*, que brinca, o *homo loquens*, que fala, o *homo faber*, que trabalha, o *homo volens*, que quer etc.. Todas essas dimensões formam um único homem, ou um homem único. Ao longo da história da filosofia o homem é também analisado em sua dimensão religiosa, não menos importante, ou seja, como o homem se relaciona com um ser absoluto. É em torno desta dimensão que se ocupa o nosso trabalho.

¹ RABUSKE, Edvino. *Antropologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.11.

² RABUSKE, Edvino. *Antropologia filosófica*, p. 20. MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* São Paulo: Ed. Paulinas, 1980, p. 27-247.

A pergunta a respeito de Deus não é algo recente na filosofia. Desde a antiguidade Deus vem sendo tematizado de vários modos diferentes, conforme a ideia que dele faziam os pensadores. O divino presente no mundo como fundamento originário é chamado "apeiron" pelo pré-socrático Anaximandro; é cognominado ser imutável por Parmênides, o "logos" por Heráclito, o "nous", enquanto princípio do movimento no mundo, por Anaxágoras. Para Platão é Demiurgo, o organizador do mundo caótico. Aristóteles o tematiza como o primeiro motor imóvel que ordena o movimento de todos os seres a si numa constante e repetida passagem da possibilidade para a atualidade.

Na Idade Média, a questão sobre Deus tem um espaço privilegiado na filosofia de Agostinho, Tomás de Aquino, Escoto, Nicolau de Cusa e outros. Neste período Deus é o Transcendente que criou o mundo do nada, e que, por sua vez, sempre existiu; é ele a própria verdade que possibilita o conhecimento; a tradição escolástica tem Deus como um ente necessário que não tem ser mas é o próprio ser, não tem *potência*, é plenamente *ato*; a ele só posso atingir por um conhecimento analógico. Neste período, Deus era o centro de todas as atenções e ações humanas, determinante de toda a moral e conduta humanas. Todos os caminhos levavam a Deus. Voltava-se o olhar sobre a natureza e as coisas todas, deduzia-se um Deus criador e ordenador.

Na Idade Moderna outros grandes filósofos se puseram a questão a respeito de Deus: Descartes, no Discurso do Método, Kant em "a religião dentro dos limites da simples razão" e "crítica da razão pura" e Hegel nas "preleções sobre a filosofia da religião". Se na tradição filosófica ocidental pensou-se Deus a partir do cosmos, numa postura filosófica predominantemente cosmocêntrica, na Idade Moderna ocorre uma revolução no modo de pensar ocidental dando lugar a um modo antropocêntrico de pensar. A questão a respeito de Deus, a partir desse

pensamento antropocêntrico, também sofrerá grande mudança. Manfredo Araújo de Oliveira afirma:

Ora, através da reviravolta antropológica do pensamento ocidental, a problemática de Deus, também, experimentou uma mudança radical: já que o pensamento passou de cosmocêntrico para antropocêntrico, então, não mais o mundo, mas o homem, nos tempos modernos, se tornou o lugar da emergência da transcendência³.

Até então, Deus era algo inquestionável, vivia-se nele e dele como uma natural atmosfera e realidade. Com o passar dos tempos, em especial a partir da Idade Moderna a razão e o subjetivo tornam-se o centro das atenções. Surgem as novas ciências, a cultura se torna laica, a razão ocupa o lugar de Deus, o homem e o mundo são pouco mais que natureza. Alguns ainda procuram defender Deus e crêem nele, outros o negam, outros ainda ficam indiferentes quanto à sua existência ou não existência, simplesmente o ignoram.

O patrono da filosofia, Sócrates, foi condenado à morte por ser ateu. Porém, não negava a Deus, mas apenas a veneração aos deuses da tradição grega. Atualmente o ateísmo não somente nega a pluralidade dos deuses, mas nega a Deus, ao menos como absolutização do próprio homem. Com a radicalização do Iluminismo francês e, depois, com Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud nasce o ateísmo moderno. Esse ateísmo procurou mostrar-se científico e com isso ameaçar a fé em Deus e no cristianismo.

Feuerbach foi alguém que tentou desmascarar a crença num Deus transcendente, pois, segundo ele, é negador do homem total, pois esse deus que o homem julga ser um ser em si mesmo é nada mais que a sua própria essência humana objetivada. Luta até o fim de sua vida, num trabalho incansável de libertação do homem através do ateísmo, que,

³ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia Transcendental e Religião*, Ensaio sobre a Filosofia da religião em Karl Rahner, SP: Loyola, 1984, p.8.

para ele expressa-se melhor num antropoteísmo, ou seja, a deificação do homem. “Decisivo é que agora o ponto de partida para a consideração filosófica do problema de Deus e da religião não é mais a natureza, mas o próprio homem”⁴.

Neste trabalho nos propomos a aproximar o leitor ao pensamento de Feuerbach, ou seja, queremos expor, em linhas gerais, o pensamento de Feuerbach, sua crítica religiosa e sua proposta, tomando por base, em especial, a sua principal obra “A Essência do Cristianismo”, mas também outras, e apoiando-nos em comentadores de renome mundial.

Consta de seis capítulos, sendo que o primeiro é uma biobibliografia de Feuerbach, que apresenta também alguns traços de influência em sua filosofia.

O segundo capítulo refere-se ao homem feuerbachiano, ou seja, busca uma compreensão do que é o homem para ele, tanto como indivíduo quanto como espécie no que diz respeito à compreensão de sua consciência e sua essência como infinitas. Seu entendimento será importante para darmos os passos seguintes em nossa exposição.

O terceiro capítulo trata sobre a religião na perspectiva feuerbachiana. Busca refletir sobre os seus fundamentos e responder de onde e como ela surge; aborda a questão da religião como negadora da humanidade do homem.

No quarto capítulo apresentaremos alguns grandes temas religiosos, como a questão da moral, a encarnação do Filho Deus, o Deus sofredor, a Trindade, a Mãe de Deus, a palavra de Deus, a criação e a providência, a oração, a ressurreição e o nascimento de Cristo e o celibato. Sobre esses temas, entre outros, Feuerbach reflete profundamente e com sua reflexão e crítica procura esclarecer sobre os enganos a que o homem religioso

⁴ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*, SP: Paulinas, 1991, p. 99.

está sujeito. Identifica em cada um deles a inversão que ocorre a fim de que o homem se conscientize e se liberte.

O quinto capítulo apresenta o seu ateísmo antropológico a partir dos conceitos de projeção e alienação como necessário para a libertação do homem de suas escravidões. É o retorno do homem a si mesmo superado sendo ele o seu próprio Deus.

E, por fim, fizemos, no capítulo sexto, alguns apontamento críticos a respeito da crítica feuerbachiana de Deus e da religião.

1 BIOBIBLIOGRAFIA

Ludwig Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Seu pensamento ocupa na história da filosofia uma posição intermediária e de transição entre os grandes sistemas do Idealismo Alemão e o Materialismo Histórico de Marx e o materialismo cientificista da segunda parte do século XIX⁵.

1.1 Vida

Ludwig FEUERBACH nasceu em Landshut, sul da Alemanha, na Baviera, em 28 de julho de 1804. Seu pai Anselm Ritter Von Feuerbach, foi um jurista famoso. Foi batizado católico, mas educado no protestantismo. Era aluno dedicado e exemplar. Desde jovem dedicou-se grandemente à religião, à sua afirmação e explicação. Ele mesmo testemunha que, durante seus estudos de bacharelado, sua atenção não estava tanto na ciência e na filosofia, mas na religião. Quis ser pastor evangélico, iniciando seus estudos de teologia em Heidelberg, onde se

⁵ cf. LIMA VAZ, Henrique C. de, apud SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, 2ª Ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p. 19.

impressionou pelo hegeliano Karl Daub, que lhe despertou o interesse por Hegel. Em 1824 continuou seus estudos em Berlim, frequentando as aulas de Hegel e Schleiermacher, de quem sofre fortes influências e, em consequência disso, deixa a teologia e dedica-se à filosofia, o que opera nele profunda mudança.

Expressa isso nestas palavras:

La teología es para mí una bella flor marchita, el velo desgarrado de una muñeca, un estadio superado en la educación, la definición que informaba mi pensamiento y que ha desaparecido, pero cuyo recuerdo continuará victorioso influyendo en el mundo de la nueva forma de vida que he empezado... Palestina me resulta demasiado estrecha, tengo que emigrar al ancho mundo, que sólo el filósofo carga sobre sus hombros⁶.

Julga ser a filosofia mais ampla e mais merecedora de crédito que a religião ou a teologia, ambas já superadas e ultrapassadas. Em 1825 escreve a seu irmão dizendo: "Querido irmão! Eu teria infinitamente muito para te escrever. Mas falta-me tempo e vontade para tal. Apenas isto: eu troquei a Teologia pela Filosofia. Fora da filosofia não há salvação".⁷

Assiste às aulas de Hegel, às quais julga serem mais claras que as de Daub. Após dois anos de contato com Hegel, julga-se suficientemente conhecedor de sua filosofia. Aos poucos vai se distanciando da filosofia hegeliana, passando à crítica de Hegel; crítica essa, expressa claramente em *Crítica da filosofia hegeliana*, (*Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*), publicada em 1839. Feuerbach também deixa claro seu distanciamento de Hegel em *Sobre a apreciação do escrito "A essência do cristianismo"* (*Zur Beurteilung der Schrift "Das Wesen des Christentums"*), de 1842. Na

⁶ WEGER, Karl-Heinz. *La Crítica Religiosa em los tres últimos siglos*, Barcelona: Herder, 1986, p.96.

⁷ "Lieber Bruder! Ich hätte Dir unendlich viel zu schreiben; aber es fehlt mir Zeit und Lust zum Schreiben. Nur dies: Ich habe die Theologie gegen die Philosophie vertauscht. *Extra philosophiam nulla salus*". FEUERBACH, Ludwig, apud SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, 2ª Ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p. 20 e 21.

forma do seu discurso usa muitas vezes: "Para Hegel (...), para mim ...", contrapondo a sua compreensão da religião à compreensão do seu antigo mestre. Hegel afirma que a consciência do homem a respeito de Deus é a autoconsciência de Deus, enquanto que, para Feuerbach, o Deus dos homens, o ser absoluto é o seu próprio ser. Conforme o homem pensa e sente, desta forma é o seu Deus. Pelo seu Deus se conhece o homem e pelo homem se conhece o seu Deus. Critica Hegel que havia posto no cume de todo o processo dialético a Ideia absoluta. Feuerbach interpreta essa ideia de modo teológico, condenando-a em seguida. No lugar de Deus (ou Ideia) coloca o homem concebido em sua totalidade. É o homem o ser supremo.

Em 1826, continua seus estudos na cidade de Erlangen e em 1828 obtém o doutorado com sua tese: "*De ratione una, universali, infinita*", que a envia a Hegel com uma respeitosa carta. Em 1829 foi nomeado professor adjunto, lecionando história da filosofia, lógica e metafísica até 1832. Escreveu *Pensamentos sobre morte e imortalidade (Gedanken über Tod und Unsterblichkeit)*, publicando-a primeiramente de forma anônima, porém logo foi descoberta sua autoria. Nesta obra rebatia a imortalidade pessoal, criticava a teologia e a práxis eclesiástica, o que significou o fim de sua carreira acadêmica, continuando, no entanto, como escritor independente.

Feuerbach, ex-discípulo de Hegel, agora seu crítico e inimigo, quebra o sistema hegeliano e o inverte, fundando uma nova filosofia que é precursora da esquerda hegeliana. Hegel põe Deus dentro de seu sistema como o absoluto para o qual todas as coisas se dirigem num processo dialético. O "Em si", o uno, se aliena no múltiplo (que é a matéria) e depois retorna a si de forma elevada (como espírito absoluto). O fundamental, para ele, é o espírito; o epifenômeno do espírito, ou seja, a matéria é acidental.

Feuerbach não aceita este sistema; para ele, o infinito não se encontra no transcendente, mas no próprio homem como espécie. O absoluto é a matéria. Jesus Cristo não é Deus feito homem, mas o homem feito Deus. Deus não é uma realidade fora do homem, capaz de nele se encarnar; mas é o próprio homem, com as forças infinitas da espécie, o seu Deus. Feuerbach empreendeu toda sua vida para esclarecer que o verdadeiro Deus é unicamente o homem a fim de tentar libertá-lo da escravidão que ele próprio elaborou para si. Desta forma, elabora uma crítica religiosa e funda uma antropoteologia para dar ao homem a dignidade merecida.

Em 1848, quando estoura a Revolução, Feuerbach se põe como "comunista" (não como "egoísta"!) de parte dos revolucionários. Porém, quando o chefe da revolução lhe pede para pegar nas armas e lutar ao lado do povo, responde que deve ir a Heidelberg e lá dar um curso sobre a essência da religião, certo de que, a longo prazo, esta fará maior bem à humanidade do que aquelas agressões.⁸

Feuerbach retorna a seu exílio em Bruckberg para dedicar-se a seus estudos. Rapidamente é esquecido; sua maior dor foi não poder conservar seu quarto de estudos no castelo, que durante 24 anos havia sido o seu mundo. A fábrica de porcelana, na qual empregou toda sua fortuna, havia falido. Feuerbach, sua mulher e sua filha devem emigrar. Esta separação foi para ele como a separação da alma e do corpo. Vive pobremente seus últimos anos em Rechenberg, recebendo alguns donativos privados e públicos, já debilitado por um derrame cerebral. Mesmo nesta situação de miséria humana não admite compromissos com a fé em Deus. Publica em 1866 sua última obra "*Gottheit, Freiheit, Unsterblichkeit*". Depois de mais um derrame cerebral, vive só vegetativamente, até morrer em 13 de setembro de 1872, aos 68 anos de idade. Foi sepultado em Nuremberg estando presentes vinte mil pessoas, embora, em sua vida, poucos o

⁸ cf. KÜNG, Hans. *Existe Dios?*, 4ª edição, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 298.

tiveram acompanhado. Naquele dia, um de seus últimos amigos fez um pequeno discurso em frente a sua sepultura, dizendo:

Qué ha sido lo que le ha hecho capaz de cumplir el objetivo de su vida, su tarea en bien de la humanidad; qué ha sido lo que le ha capacitado para este gigantesco trabajo, para esta gigantesca obra; qué impulso o instinto vital le ha llevado a ello? Ha sido su grande, su auténtico, su insobornable amor a la verdad ⁹.

1.2 Cronologia de suas principais obras

1828 – Da razão una, universal, infinita (*De ratione, una, universali, infinita*, ou *Über die eine, allgemeine und unendliche Vernunft*).

1830 – Pensamentos sobre morte e imortalidade (*Gedanken über Tod und Unsterblichkeit*).

1838 – Sobre a crítica da filosofia positiva (*Zur Kritik der positiven Philosophie*).

1839 – Crítica da filosofia hegeliana (*Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*).

1841 – A essência do cristianismo (*Das Wesen des Christentums*).

1842 – Sobre a apreciação do escrito “A essência do cristianismo” (*Zur Beurteilung der Schrift "Das Wesen des Christentums"*).

1843 – Princípios da filosofia do futuro (*Grundsätze der Philosophie der Zukunft*).

⁹ KÜNG, Hans. *Existe Dios?*, p. 299. “Was ist gewesen, das ihn zur Erfüllung dieser seiner Lebensaufgabe, die er für die Menschheit vollbracht hat, was ist gewesen, das ihn zu dieser Riesenarbeit und Riesentat befähigt, welches ist der innerste Trieb oder Drang seines Wesens, der ihn dazu geführt hat? Es war seine grosse, seine unverfälschte, seine unbestechliche Liebe zur Wahrheit” (KÜNG, Hans, *Existiert Gott?*, München: R. Piper & Co. Verlag, 1978, p. 243).

1843 – Teses provisórias para a reforma da filosofia (*Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie*).

1843 – Lutero como árbitro entre Strauss e Feuerbach (*Luther als Schiedsrichter zwischen Strauss und Feuerbach*).

1846 – A essência da religião (*Das Wesen der Religion*).

1846 – Fragmentos para caracterização do meu Currículum vitae (*Fragmente zur Charakteristik meines Curriculum vitae*).

1851 – Preleções sobre a essência da religião (*Vorlesungen über das Wesen der Religion*).

1857 – Teogonia (*Teogonie*).

Estas são apenas algumas de suas obras. Durante sua vida não se ocupou de muitos temas. Ao contrário ele mesmo afirma que todas as suas obras têm uma mesma meta, um mesmo tema, que é a religião e a teologia. Diz: “eu pertencço à classe que prefere uma especialidade frutífera a uma versatilidade ou um pseudo-enciclopedismo infrutífero que para nada serve (...) nunca deixei de lado em minhas obras a relação com a religião e a teologia (...)”¹⁰.

¹⁰ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a Essência da Religião*, Trad. BR. de José da Silva Brandão, Campinas, SP: Papyrus, 1989, p. 15. “Ich gehöre zu den Menschen, welche eine fruchtbare Einseitigkeit bei weitem einer unfruchtbaren, nichtsnutzigen Vielseitigkeit und Vielschreiberei vorziehen (...). Demgemäss habe ich denn auch in Allen meinen Schriften nie die Beziehung auf die Religion und Theologie ausser Acht gelassen (...)” (Vorlesungen über das Wesen der Religion, p. 12).

2 O HOMEM FEUERBACHIANO

Feuerbach vai desenvolver a sua crítica da religião e do cristianismo a partir da compreensão do que seja o homem, qual a sua verdadeira essência, pois compreendendo o que é o ser humano poderá compreender qual a essência da religião. Sua crítica da religião se encontra nas obras: *A essência do cristianismo (1841)*, *Princípios da filosofia do futuro (1843)*, *A essência da religião (1845)* e *Teogonia (1857)* nas quais pergunta como surge a religião e de onde ela surge. Feuerbach parte do ser real em sua filosofia. É a natureza a realidade fundamental e não a consciência ou o pensamento; estes são secundários. O ser é o sujeito e o pensamento, predicado. “A verdadeira relação entre pensamento e ser é apenas esta: o ser é o sujeito, o pensamento é o predicado. O pensamento provém do ser, mas não o ser do pensamento” ¹¹.

Desta forma reage contra Hegel e o racionalismo em geral. Afirma que é a intuição sensível (*sinnliche Anschauung*) que nos revela o ser ou a essência (*Wesen*) imediatamente com a existência. O verdadeiro ser é o ser sensível e a ele chegamos não através do pensamento puro, mas somente por meio dos sentidos.

¹¹ FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*, Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988. “Das wahre Verhältnis vom Denken zum Sein ist nur dieses: das *Sein* ist *Subjekt*, das *Denken* *Prädikat*. Das Denken ist aus dem Sein, aber das Sein nicht aus dem Denken”.

2.1 A essência humana e a consciência

Na Introdução de “A essência do cristianismo” Feuerbach explicita o que entende por essência humana. Para ele gênero e essência são conceitos sinônimos. Designam o mesmo plano que está acima do subjetivo e que perpassa o individual. Adriana Veríssimo Serrão o descreve como “um transcendental objectivo idêntico em todos e presente em cada um”¹².

E o que constitui essa essência, ou ainda, o gênero, a humanidade no homem? As três grandes forças: a razão, a vontade e o coração. Essas três forças espirituais atuam em conjunto e são de natureza ilimitadas; delas trataremos em seguida.

Cada indivíduo é ao mesmo tempo um ser individual e um ser universal. Em cada indivíduo está a inteira essência, em cada ser humano individual existe o *homem*, o universal que está enraizado no seu próprio ser.

Essa distinção entre a existência finita do homem particular, como indivíduo, e a essência infinita que pertence a todos só é possível ser reconhecida pela consciência. Não uma consciência em sentido amplo, por meio da qual apreendemos os objetos sensíveis, mas a consciência de si, ou seja, aquela relação que um ser mantém com a sua essência interior, aquela que permite que um ser tome a si mesmo por objeto.

Feuerbach inicia o capítulo I de “A essência do cristianismo”, a respeito da “essência do homem em geral” dizendo que “A religião se

¹² SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A Humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o Projeto de uma Antropologia Integral*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Empresa do Diário do Minho, 1999, p. 50.

baseia na diferença essencial entre o homem e o animal – os animais não têm religião”¹³.

Antigos zoólogos imaginavam ser o elefante um animal religioso, porém Cuvier, um dos maiores zoólogos, nega baseado em pesquisas, qualquer religiosidade neste animal. O que diferencia o homem do animal, sem dúvida, é, em primeiro lugar, a consciência (*Bewusstsein*) no sentido rigoroso de capacidade de tomar como objeto seu próprio gênero. Nos animais encontra-se um grau de consciência inferior, ou limitado. Não lhes é negada a faculdade da consciência como capacidade de discernimento sensorial, de percepção ou até mesmo de juízo das coisas exteriores conforme suas características sensoriais, mas não lhes pertence a consciência mais profunda, criadora da ciência.

O animal é objeto para si mesmo como indivíduo, mas não como gênero.

Onde existe consciência existe também a faculdade para a ciência. A ciência é a consciência dos gêneros. Na vida lidamos com indivíduos, na ciência com gêneros. Mas somente um ser para o qual o seu próprio gênero a sua quiddidade torna-se objeto, pode ter por objeto outras coisas ou seres de acordo com a natureza essencial deles¹⁴.

O homem, ao contrário dos animais, possui distintamente uma vida interior e uma vida exterior. A vida interior relaciona-se com a sua essência, com o seu gênero. Ele é capaz de falar consigo mesmo, de lidar com sua subjetividade de maneira auto-reflexiva:

¹³ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, Campinas, SP: Papirus, 1988, p. 43. “Die Religion beruht auf dem wesentlichen Unterschiede des Menschen vom Tiere – die Tiere haben keine Religion”. (Das Wesen des Christentums, p. 28).

¹⁴ Idem. “Wo Bewusstsein, da ist Fähigkeit zur Wissenschaft. Die Wissenschaft ist das Bewusstsein der Gattungen. Im Leben verkehren wir mit Individuen, in der Wissenschaft mit Gattungen. Aber nur ein Wesen, dem seine eigene Gattung, seine Wesenheit Gegenstand ist, kann andere Dinge oder Wesen nach seiner wesentlichen Natur zum Gegenstände machen”. (Das Wesen des Christentums, p. 28).

O homem é para si ao mesmo tempo EU e TU; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto ¹⁵.

A essência humana, que é objeto para o homem, é infinita. O homem não poderia ter a consciência do infinito se ele próprio não o fosse. Só poderia ter consciência da finitude caso o homem se colocasse no ponto de vista de outros supostos seres superiores, para daí com um olhar de fora conseguir comparar a si mesmo como finito. Um ser finito não é capaz de pensar algo infinito, pois, se o ser é limitado, sua consciência também o é. Por isso, a consciência do infinito é, tão somente, a consciência da infinitude da própria consciência. Esta é, em sua essência, universal e infinita.

Consciência no sentido rigoroso ou próprio e consciência de infinito são conceitos inseparáveis; uma consciência limitada não é consciência; a consciência é essencialmente de natureza universal, infinita. A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência. Ou ainda: na consciência do infinito é a infinitude da sua própria essência um objeto para o consciente ¹⁶.

A religião como consciência do infinito só pode ser a consciência que o homem tem de sua própria essência infinita. A essência humana, além de fundamentar a religião, torna-se seu objeto.

O que é para a religião o primeiro, Deus, é em si, como foi demonstrado, quanto à verdade o segundo, pois ele é somente a essência objetiva do homem, e o que é para ela o segundo, o

¹⁵ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 44. "Der Mensch ist sich selbst zugleich Ich und Du; er kann sich selbst an die Stelle des andern setzen, eben deswegen, weil ihm seine Gattung, sein Wesen, nicht nur seine Individualität Gegenstand ist". (Das Wesen des Christentums, p. 29).

¹⁶ Idem. "Bewusstsein im strengen oder eigentlichen Sinne und *Bewusstsein des Unendlichen ist identisch. Beschränktes Bewusstsein ist kein Bewusstsein; das Bewusstsein ist wesentlich unendlicher Natur. Das Bewusstsein des Unendlichen ist nicht anders als das Bewusstsein von der Unendlichkeit des Bewusstseins. Oder: Im Bewusstsein des Unendlichen ist dem Bewussten nur die Unendlichkeit des eignen Wesen Gegenstand*". (Das Wesen des Christentums, p. 30).

homem, deve, portanto ser estabelecido e pronunciado como o primeiro ¹⁷.

2.2 As três forças essenciais do gênero

Como vimos, o homem é o único ser consciente do seu gênero, de sua humanidade. O que realiza o gênero, ou a essência humana é a razão, a vontade, o coração. Um homem só é completo se possuir estas três forças: a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. Feuerbach diz que:

A força do pensamento é a luz do conhecimento; a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração, é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência ¹⁸.

Essas forças espirituais manifestam, cada uma por si e também em seu conjunto, as perfeições absolutas da existência. Razão, vontade e amor, não são faculdades que o homem *tem*, mas são poderes que o animam, determinam e dominam, são poderes divinos aos quais não pode resistir. Essas três forças essenciais revelam a infinitude da essência do homem. São essenciais porque é por meio delas que a essência do homem transcende os indivíduos, impulsionando-os para além de si mesmos, para além dos limites de sua finitude. A Trindade nada mais é

¹⁷ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 309-310. "Aber was der Religion das Erste ist, Gott, das ist an sich, der Wahrheit nach das zweite, denn er ist nur das sich *gegenständliche* Wesen des Menschen, und was ihr das zweite ist, der Mensch, das muß daher *als das erste gesetzt* und *ausgesprochen* werden". (Das Wesen des Christentums, p. 444).

¹⁸ *Ibidem*, p. 44-45. "Die Kraft des Denkens ist das Licht der Erkenntnis, die Kraft des Willens, die Energie des Charakters, die Kraft des Herzens die Liebe. Vernunft, Liebe, Willenskraft sind *Vollkommenheiten*, die Vollkommenheiten des menschlichen Wesens, ja, absolute Wesenvollkommenheiten. Wollen, Lieben, Denken sind die *höchsten Kräfte*, sind das *absolute Wesen* des Menschen qua talis, als Menschen, und der Grund seines Daseins". (Das Wesen des Christentums, p. 31).

do que a consciência que o homem tem de si mesmo em sua totalidade: consciência como inteligência, vontade e amor; consciência como eu, tu e nós. É a Trindade divina que está acima do homem individual.

A trindade divina no homem e que está acima do homem individual é a unidade da razão, amor e vontade. Razão (imaginação, fantasia, representação, opinião). Vontade, amor ou coração não são poderes que o homem possui – porque ele nada é sem eles, ele só é o que é através deles – são pois como os elementos que fundamentam a sua essência e que ele nem possui nem produz, poderes que o animam, determinam e dominam – poderes divinos, absolutos, aos quais ele não pode oferecer resistência ¹⁹.

A razão tende à continuação indefinida da reflexão, a vontade ética é, em si mesma, incondicionada, o poder do sentimento rompe todos os limites no ato de doação plena ²⁰.

Nisso realiza-se a essência do homem enquanto espécie: em, através das forças da razão, da vontade e do amor, o indivíduo impulsionar-se para além de si mesmo. É a infinitude da razão, da vontade e do amor do homem que o define como ser infinito. Estas forças são maiores que as forças do homem individual, são forças contra as quais o homem individual não pode lutar, ou melhor, não consegue resistir. “Como poderia o homem sensível resistir ao sentimento, o amante ao amor, o racionalista à razão?” ²¹. Percebemos isso no fato de que é o amor que possui o homem individual e não vice-versa.

¹⁹ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 45. “Die Göttliche Dreieinigkeit im Menschen über dem individuellen Menschen ist die Einheit von Vernunft, Liebe, Wille. Vernunft (Einbildungskraft, Phantasie, Vorstellung, Meinung), Wille, Liebe oder Herz sind keine Kräfte, welche der Mensch hat – denn er ist nichts ohne sie, er ist, was er ist, nur durch sie - , sie sind als die sein Wesen, welches er weder hat noch macht, begründenden Elemente, die ihn beseelenden, bestimmenden, beherrschenden Mächte – göttliche, absolute Mächte, denen er keinen Widerstand entgegenstzen kann”. (Das Wesen des Christentums, p. 31,32).

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia Transcendental e Religião*, Ensaio sobre a Filosofia da religião em Karl Rahner, SP: Loyola, 1984, p. 18.

²¹ FEUERBACH, op.cit., p. 45. “Wie könnte der gefühlvolle Mensch dem Gefühl, der Liebende der Liebe, der Vernünftige der Vernunft widerstehen”? (Das Wesen des Christentums, p. 32).

Quem não experimentou o poder do amor ou pelo menos não ouviu falar dele? Quem é mais forte? O amor ou o homem individual? Possui o homem o amor ou antes não é o amor que possui o homem? ²².

Quando o amor leva um homem a entregar-se à morte pela amada, esta força que despreza a morte não é a sua própria força individual, mas é a força do amor. Quanto ao pensamento (razão) também acontece o mesmo. Quando o homem submerge em profunda meditação esquece-se de si mesmo e do que o rodeia; antes a razão domina o homem, do que o homem a razão. O poder da ânsia de saber, ou seja, o poder que impulsiona o homem ao saber é algo irresistível que tudo supera. Isso vale também para a vontade; quando se abandona um vício, vence-se a si mesmo, não por uma força individual pensada em si mesma, mas por uma força da vontade; foi o poder da moral que se apoderou do indivíduo, de modo que, enchendo-se de indignação de si mesmo, de suas fraquezas individuais, abandona o vício.

O homem é consciente dessas forças como infinitas, pois toda perfeição, toda força e essência é uma confirmação e uma certificação de si mesma. Não se consegue amar, querer e pensar sem sentir essas atividades como perfeições; não se pode perceber que a gente é um ser que ama, quer e pensa sem alegrar-se infinitamente. O homem é um ser consciente, ou seja, é um ser capaz de tomar a si mesmo por objeto.

O homem não é nada sem o objeto. Grandes homens, homens exemplares, que nos revelam a essência do homem, confirmaram esta frase com a sua vida. Tinham apenas uma paixão fundamental dominante: a realização da meta que era o objetivo essencial de sua atividade. Mas o objetivo com o qual um sujeito

²² FEUERBACH, op. cit., p. 45. "Wer hätte nicht die Macht der Liebe erfahren oder wenigstens von ihr gehört? Wer ist starker, die Liebe oder der individuelle Mensch? Hat der Mensch die Liebe oder hat nicht vielmehr die Liebe den Menschen?" (Das Wesen des Christentums, p. 32).

se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva desse sujeito ²³.

2.3 A infinitude da consciência

O homem toma consciência de si através do objeto; e a consciência que o homem tem do objeto é a consciência que ele tem de si mesmo. Conhecendo o seu objeto, conhece-se o homem, pois o objeto é a sua essência revelada.

É impossível ao ser consciente pensar uma perfeição como imperfeição, impossível sentir um sentimento como limitado, impossível também é pensar o pensamento como limitado. Ser consciente é a característica marcante do ser perfeito, do ser completo. "Consciência é a marca característica de um ser perfeito; consciência existe somente num ser satisfeito, completo". ²⁴

O homem é um ser vaidoso, e essa vaidade confirma a superioridade do homem e a sua perfeição. O homem se admira, admira também as outras formas, os outros seres, porém os admira sem inveja, pois ele é o possuidor da mais bela forma, o ser perfeito; por isso ele é vaidoso. A mais elevada forma de afirmação de si mesmo, no entanto, é a

²³ FEUERBACH, Ludwig, op. cit., p. 46. "Der Mensch ist nichts ohne Gegenstand. Grosse, exemplarische Menschen – solche Menschen, die uns das Wesen des Menschen affenbaren, bestätigten diesen Satz durch ihr Leben. Sie hatten nur eine herrschende Grundleidenschaft: die Verwirklichung des Zwecks, welcher der wesentliche Gegenstand ihrer Tätigkeit war. Aber der Gegenstand, auf welchen sich ein Subjekt wesentlich, notwendig bezieht, ist nichts Andres als das eigne, aber gegenständliche Wesen dieses Subjekts". (Das Wesen des Christentums, p. 33).

²⁴ Ibidem, p. 48. "Bewusstsein ist das charakteristische Kennzeichen eines vollkommen Wesens; Bewusstsein ist nur in einem gesättigten, vollendeten Wesen". (Das Wesen des Christentums, p. 36).

consciência, uma perfeição, um bem. Se se diz que a razão, ou em geral, que a essência do homem é limitada, isso se deve ao fato de basear-se num erro, num engano. Pode o homem sentir-se como limitado, mas ele somente pode ter consciência destas limitações, percebidas geralmente quando erra e se engana, porque a perfeição, a infinitude do gênero é um objeto para ele. Se, porém, o homem transferir suas limitações para o gênero, incorre no erro, pois o indivíduo é distinto do gênero a que pertence. Transfiro para o gênero humano uma limitação minha, na realidade somente minha, por causa da humilhação e da vergonha que sinto em possuí-la, o que é sanado com essa transferência para o gênero, como sendo limitação da essência humana. Nenhum ser é limitado em si mesmo, mas em si e por si infinito, tendo Deus em si mesmo. Um ser somente se mostra limitado para um ser superior. Tomemos um exemplo: a vida de um inseto é muito curta, mas, para ele, isso representa muito tempo, tanto quanto para o homem muitos anos. Em si ele tem uma vida muito longa, mas comparando-a com a vida de um ser superior, muitíssimo reduzida.

Assim como o objeto da razão é somente o racional, o objeto do sentimento somente o sentimento, também a religião se tomasse (o sentimento) como seu órgão essencial, seria a essência de Deus expressa unicamente pela essência do sentimento, e nada mais. Seria o sentimento o que há de mais nobre e divino no homem. Somente poderia perceber a divindade através do sentimento, se este fosse em si mesmo de natureza divina. Somente o divino pode conhecer o divino, pois o divino só se dá a conhecer ao divino.

O homem possui a capacidade da fantasia, podendo, deste modo, conceber seres mais elevados, mas somente do seu gênero, com qualidades retiradas de sua própria essência, refletindo-se e objetivando-se a si mesmo.

Em suma, o homem visto como comunidade humana é, para Feuerbach, infinito em sua essência, devido às forças que o impulsionam para além de si mesmo, forças infinitas do ser consciente que ama, que pensa e que quer. É um ser consciente de sua essência infinita e, por sua vez, tomando-a por objeto, prova a infinitude da própria consciência. É essa capacidade da consciência que vai possibilitar ao homem criar Deus e a religião.

3. A RELIGIÃO

Feuerbach qualificou sua *Teogonia* como sua obra mais madura. Trata das questões da religião e da crítica religiosa. Já no prefácio à primeira edição de "A Essência do Cristianismo" critica ironicamente o cristianismo moderno, dizendo que este é cômico e indigno de ser pensado; por isso fará sua análise crítica baseado no cristianismo dos séculos passados; somente o período clássico do cristianismo é digno de ser pensado.

Assim, para se poder fixar o cristianismo como um objeto digno de ser pensado, teve o autor que se abstrair do cristianismo covarde, despersonalizado, confortável, beletrista, coquete e epicurista do mundo moderno; teve que recuar aos tempos em que a noiva de Cristo ainda era virgem, casta, imaculada, quando ela ainda não entrelaçava na coroa de espinhos de seu noivo celestial as rosas e as murtas da Vênus pagã para não cair sem sentidos diante da visão do Deus sofredor; quando ela ainda era pobre em riquezas terrenas, mas riquíssima e dolosíssima no gozo dos mistérios de um amor sobrenatural ²⁵.

²⁵ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 20. "Um daher das Christentum als ein *denkwürdiges* Objekt fixieren zu können, mußte der Verf. Von dem feigen, charakterlosen, komfortabeln, belletristischen, koketten, epikureischen Christentum der modernen Welt abstrahieren, sich zurückversetzen in Zeiten, wo die Braut Christi noch eine keusche, unbefleckte Jungfrau war, wo sie noch nicht in die Dornenkrone ihres himmlischen Bräutigams die Rosen und Myrten der heidnischen Venus einflocht, um über den Anblick des leidenden Gottes nicht in Ohnmacht zu versinken; wo sie zwar arm war an irdischen Schätzen, aber überreich und übergücklich im Genusse der Geheimnisse einer übernatürlichen Liebe". (Das Wesen des Christentums, p. 06, 07).

O cristianismo atual não pode dar mais nenhum testemunho. Quer, por isso, chegar às fontes mais antigas e originais a um estágio primitivo e pré-filosófico da religião. Nesta forma primitiva Feuerbach quer rastrear o problema fundamental de qual é o fundamento da religião e sua dimensão antropológica. A resposta da teogonia (genealogia dos deuses) está em que “los dioses se forman y conforman en correlación con los deseos humanos. ‘El deseo es la manifestación originaria de los dioses”²⁶.

3.1 Fundamentos da Religião

Para Feuerbach, a pergunta mais importante é como e de onde nasceu a religião. Para responder a esta pergunta, desenvolveu o método “genético-crítico”. Para ele, a diferença fundamental entre o homem e o animal consiste no fato de que o animal está regulado instintivamente, enquanto o homem tem consciência e pode assim refletir sobre si próprio.

Na relação com os objetos sensoriais, a consciência do objeto é claramente distinta da consciência de si mesmo, o que não ocorre com os objetos religiosos; a consciência deste é imediatamente coincidente com a consciência de si mesmo porque, enquanto o objeto sensorial está fora do homem, o objeto religioso está nele.

Surge o primeiro princípio de que “o objeto do homem nada mais é do que a sua própria essência objetivada”²⁷. Da maneira que o homem pensar, ou, o valor que tiver o homem, será o valor que terá o seu Deus, e não mais. Conhecendo-se Deus, conhece-se o homem e conhecendo-se

²⁶ WEGNER, Karl-Heinz. *La Crítica Religiosa em los tres últimos siglos*, Barcelona: Herder, 1986, p.105.

²⁷ FEUERBACH, Ludwig, op. cit., p.55. “Der Gegenstand des Menschen ist nichts andres als sein gegenständliches Wesen selbst”. (Das Wesen des Christentums, p. 46).

o homem, saber-se-á o que é seu Deus, pois "a consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus, o conhecimento que o homem tem de si mesmo" ²⁸. Deus e homem são idênticos. Deus é a intimidade do homem revelada.

O homem guarda em seu interior preciosidades às quais revela através da religião, esta é a reveladora do que é mais íntimo, secreto e sagrado no homem; porém, esse processo de desvelar seu interior, seus desejos e segredos do amor pela religião é um processo inconsciente. A religião como consciência de Deus nada mais é que a consciência que o homem tem de si mesmo, de sua essência; no entanto, o que ocorre é que o homem não tem diretamente consciência disso, motivo pelo qual o homem funda a religião, pois se tivesse consciência do que realmente é a religião não cairia neste grave erro. Para evitar mal entendidos deve-se dizer: "a religião é a consciência primeira e indireta que o homem tem de si mesmo" ²⁹; por isso que em todos os lugares a religião sempre se manifestou antes da filosofia. Ela é a essência infantil da humanidade. Antes de o homem encontrar a sua essência em si próprio, lança-a primeiramente para fora de si; se não tomar consciência disso, permanecerá "estranho" a si mesmo como se sua essência fosse algo diferente de si, caso contrário, libertar-se-á de sua auto-escravidão.

O progresso histórico das religiões consiste em considerarem como algo subjetivo o que primeiramente concebiam como objetivo; o que era adorado como Deus é visto como algo meramente humano. Assim diz Feuerbach: "a religião anterior é para a posterior uma idolatria: o homem adorou a sua própria essência" ³⁰. O que aconteceu é que o homem

²⁸ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 55. "Das Bewusstsein Gottes ist das Selbstbewusstsein des Menschen, die Erkenntnis Gottes die Selbsterkenntnis des Menschen". (Das Wesen des Christentums, p. 46).

²⁹ Ibidem, p.56. "die Religion ist das erste und zwar indirekte Selbstbewusstsein des Menschen". (Das Wesen des Christentums, p. 47).

³⁰ Idem. " Die frühere Religion ist der spätern Götzendienst; der Mensch hat sein eignes Wesen angebetet". (Das Wesen des Christentums, p. 47).

objetivou-se, mas não soube perceber que este seu objeto era sua própria essência. O progresso da religião é justamente esse passo que o homem dá em conhecer-se mais profundamente. Feuerbach vai insistir no fato de que o divino e o humano não se distinguem. Diz:

a oposição entre o divino e o humano é apenas ilusória, isto é, nada mais é do que a oposição entre a essência humana e o indivíduo humano, que conseqüentemente também o objeto e o conteúdo da religião cristã é inteiramente humano ³¹.

Religião, ao invés de “religar” homem e Deus, é concebido como relacionamento do homem consigo mesmo, ou melhor, com a sua essência, como se fosse outra essência. A essência divina é tão somente a essência do homem abstraída das limitações do indivíduo. O indivíduo erra, tem limitações, percebe suas fraquezas; porém, possui as forças infinitas do amor da razão e do sentimento, que são da essência humana. Essa essência humana, que o impele numa auto-superação, erroneamente lança-a para fora de si como algo estranho e a adora como seu Deus. A respeito desse Deus, se ele é em si o que é para mim, não vem ao caso, pois, o que Deus será para mim assim será Deus; não tem fundamento colocar distinção entre Deus em si e Deus para mim. “Mas quando a minha ideia corresponde ao critério do gênero desaparece a distinção entre o ser-em-si e o ser-para-mim; porque esta ideia é ela mesma uma ideia absoluta” ³².

Feuerbach diz ainda:

Para cada religião são os deuses das outras religiões apenas ideias de Deus, mas a ideia que ela tem de Deus é o seu Deus mesmo,

³¹ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p.56, 57. “... dass der Gegensatz des Göttlichen und Menschlichen ein illusorischer, d.h. dass er nichts anderes ist als der Gegensatz zwischen dem menschlichen Wesen und dem menschlichen Individuum, dass folglich auch der Gegenstand und Inhalt der christlichen Religion ein durchaus menschlicher ist”. (Das Wesen des Christentums, p. 47, 48).

³² Ibidem, p. 59. “Aber wenn meine Vorstellung dem Masse der Gattung entspricht so fällt die Unterscheidung zwischen An-sich-Sein und Für-mich-Sein weg: denn diese Vorstellung ist selbst eine absolute”. (Das Wesen des Christentums, p. 52).

Deus como ela o imagina, o Deus legítimo, verdadeiro, o Deus como ele é em si ³³.

O homem imagina qualidades superiores, qualidades estas que não poderia conceber nada mais superior a as atribui a Deus como pertencentes à essência divina. Ao homem não cabe agora perguntar se essa essência é em si o que é para o homem. A respeito disso Feuerbach faz uma afirmação semelhante a que encontramos no poema do filósofo pré-socrático Xenófanes, de que o pássaro, se tomasse Deus por objeto, concebe-lo-ia apenas como um "ser alado", pois o pássaro não conhece nada mais perfeito do que um ser alado; e ridículo seria perguntar se o que Deus é em si e para si corresponde à sua concepção de Deus.

Quanto ao homem, este pensa as maiores e mais elevadas perfeições às quais só caberia a Deus; estas pertencem à essência divina. Perguntar se esta concepção de Deus corresponde ao que ele é em si é perguntar se Deus é Deus, é elevar-se acima dele e rebelar-se contra ele; porque se eu retiro dela as qualidades mais superiores que posso pensar, Deus não seria mais Deus, seria algo distinto de Deus, o que é absurdo.

3.2. Relação entre essência e existência, sujeito e predicado

Na medida em que a consciência humana vai se convencendo de que os predicados religiosos são apenas antropomorfismos, ou seja, imagens humanas, predicados que partiram do próprio homem, apodera-se dele a dúvida quanto à verdade objetiva destes predicados. E, se se duvida da verdade objetiva dos predicados, deve-se também duvidar da

³³ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p.59. "Jeder religion sind die Götter der andern Religionen nur Vorstellungen Von Gott, aber die Vorstellung, die sie von Gott hat, ist ihr Gott selbst, Gott, wie sie ihn vorstellt, der echte, wahre Gott, Gott, wie er an sich ist". (Das Wesen des Christentums, p. 52).

verdade objetiva daquele que predicamos, o sujeito, ou seja, Deus. Se os predicados são antropomorfismos o sujeito deles é também um antropomorfismo.

O homem crê que Deus é amor, bondade, misericórdia, sabedoria, todas as qualidades humanas. Estes predicados atribui a Deus; Feuerbach questiona como podemos saber que a fé em Deus não é uma limitação da imaginação humana, uma concepção puramente humana, uma criação humana? Feuerbach afirma que:

Tu crês no amor como uma qualidade divina, porque tu amas; tu crês que Deus é um ser sábio e bom porque não conheces nada melhor em ti do que bondade e razão e tu crês que Deus existe, que ele é sujeito ou essência porque tu mesmo existes, porque tu mesmo és um ser ³⁴.

O homem julga poder anular os predicados sem anular a essência divina, pois a existência de Deus é uma verdade intocável e consumada, enquanto que os predicados são decorrência da existência do sujeito. Para Feuerbach não é bem assim. Diz que somos essência apenas como essência humana; somente posso estar certo de minha existência se tenho certeza das minhas qualidades humanas. O sujeito encontra-se no predicado, e, por sua vez, o predicado é a verdade do sujeito; o sujeito nada mais é do que o predicado que existe. O sujeito está para o predicado, assim como a existência está para a essência. Se eu nego os predicados, automaticamente nego o sujeito.

³⁴ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 60, 61. "Du glaubst an die Liebe als eine göttliche Eigenschaft, weil du selbst liebst, du glaubst, dass Gott ein weises, ein gütiges wesen ist, weil du nichts Besseres Von dir kennst als Güte und Verstand, und du glaubst, dass Gott existiert, dass er also Subjekt oder Wesen ist – was existiert, ist Wesen, werde es nun als Substanz oder Person oder sonstwie bestimmt und bezeichnet - , weil du selbst existierst, selbst Wesen bist." (Das Wesen des Christentums, p. 54).

3.3. A inversão predicado-sujeito

O homem atribui a Deus a essência e a existência. Ele não conhece um bem humano maior do que amar, do que ser bom e sábio, também reconhece que não há felicidade maior do que existir. A consciência de todas estas boas qualidades somente são possíveis ao ser que tem consciência de sua existência.

O que difere as qualidades e a essência da existência é que as qualidades e a essência são antropomorfismos ao passo que a existência não se manifesta desta forma, porque existe uma necessidade que Deus exista para que se lhe possa ser atribuída essência. A necessidade que Deus seja bom, sábio e justo não é imediata, idêntica à essência do homem, mas uma necessidade que surge através da consciência que o homem tem de si mesmo através do pensamento.

Existir é o princípio, a essência fundamental, é a condição de todos os predicados. Se Deus é o sujeito, o determinado, e o predicado, ou seja, a qualidade, o determinante, então é o predicado e não o sujeito que merece o primeiro lugar, é ele que ocupa o lugar da divindade. Não mais se deve dizer Deus é amor, mas o amor é Deus. Feuerbach quer fundamentar essa concretude, ou mesmo primazia do predicado argumentando com as ações dos gregos e dos próprios cristãos que objetivavam qualidades, fenômenos psíquicos, transformando-os em seres autônomos ³⁵.

Zeus é o mais forte dos deuses. Por quê? Porque a força física é em si e por si algo tido por grandioso, divino. A virtude do guerreiro era para os antigos germanos a mais alta; por isso era também o seu maior deus o deus da guerra: Odin (...) ³⁶.

³⁵ cf. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p.63.

³⁶ Idem. "Zeus ist der stärkste der Götter. Warum? Weil die Körperstärke an und für sich selbst für etwas Herrliches, göttliches galt. Die Tugend des Kriegers war den alten Deutschen die höchste Tugend; dafür war aber auch ihr höchster Gott der Kriegsgott: Odin (...)". (Das Wesen des Christentums, p. 58).

Feuerbach faz a inversão: “Não a qualidade da divindade, mas a divindade da qualidade é a primeira e verdadeira essência divina”³⁷.

O que é chamado sujeito ou, a essência, está contido nas qualidades do mesmo; sendo assim, o predicado é o verdadeiro sujeito; percebe-se também que, se os predicados atribuídos a Deus são qualidades provenientes da essência humana, também o sujeito contido no predicado pertence à essência humana.

Uma qualidade não é divina pelo fato de Deus a possuir, mas Deus a possui porque ela é divina em si e por si, porque sem ela Deus seria um ser imperfeito³⁸.

3.4. Deus versus homem

Todas as qualidades na sua máxima realização são atribuídas a Deus, pois deve ser da essência de Deus possuir essas qualidades, sem as quais não seria Deus. Essas qualidades, no entanto, são do homem que as lança para fora de si como em uma projeção. O sofista Protágoras afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, o que neste caso vem colaborar com os argumentos de Feuerbach.

Entre Deus e o homem sempre há uma distância; quanto mais humano for Deus em sua essência, tanto mais distante dele se encontrará o homem. A reflexão teológica irá insistentemente negar a intimidade, a unidade da essência humana e divina, e o homem será rebaixado para conservar Deus superior. O homem se empobrece para enriquecer a

³⁷ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 63. “Nicht die Eigenschaft der Gottheit, sondern die Göttlichkeit oder Gottheit der Eigenschaft ist das erste wahre göttliche Wesen.” (Das Wesen des Christentums, p. 58).

³⁸ Ibidem, p. 64. “Eine Qualität ist nicht dadurch göttlich, dass sie Gott hat, sondern Gott hat sie, weil sie an und für sich selbst göttlich ist, weil Gott ohne sie ein mangelhaftes Wesen ist.” (Das Wesen des Christentums, p. 59).

Deus; o homem sempre é um nada diante de Deus que é tudo. "O homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo" ³⁹.

A religião diz que o homem é perverso, mau, corrompido, e que Deus é justo e bondoso. Exige-se que o bem seja objeto para o homem, ou seja, que ele imite Deus no bem, que ele seja bom como Deus é bom. Acaso isso não demonstra que o bem é uma qualidade essencial do homem? Se não o fosse, ou melhor, se o homem fosse naturalmente mau em sua essência como poderia ele tomar como seu objeto a bondade ou a santidade? Se o mal fosse de sua natureza, como poderia desejar o bem? Se o meu ser está voltado para o mal como posso perceber o bom como bom? "Como posso sentir um belo quadro como belo se a minha alma é uma decadência estética?" ⁴⁰.

O homem faz de sua essência um objeto, e, por sua vez, faz-se a si mesmo objeto desse ser objetivado transformado em sujeito, em pessoa. No capítulo II a respeito do homem vimos que este é dotado de consciência, capaz de tomar a si mesmo como objeto de reflexão; porém o homem, ao objetivar sua essência, toma-a como algo diferente de si, como um ser estranho o qual chama Deus. A sua essência é infinita, sendo seu Deus também infinito.

Deus é a meta do homem, e, por sua vez, a meta de Deus é a salvação moral e eterna do homem. Ora, a essência de Deus e a do homem não se distinguem, portanto, o homem tem por meta a si mesmo. Agora perguntamo-nos: como se explica a criação de Deus pelo homem?

³⁹ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 68. "Der Mensch bejaht in Gott, was er an sich selbst verneint". (Das Wesen des Christentums, p. 66).

⁴⁰ *Ibidem*, p. 69. "Wie kann ich ein schönes Gemälde als schönes wahrnehmen, wenn meine Seele eine ästhetische Schlechtigkeit ist?" (Das Wesen des Christentums, p. 68).

3.5 A alienação

Feuerbach inaugura o conceito de alienação como um estranhar-se, quando separa de si a sua própria essência humana. A alienação religiosa funda-se na própria estrutura da consciência como também na tensão entre o indivíduo e a espécie que daí decorre. O homem pode tomar a sua própria essência como objeto de sua consciência. A consciência é sempre consciência de algo; este algo, aqui a essência, é objetivado e distinguido de mim mesmo. Eu individualmente percebo-me fraco, limitado, pois erro, me engano; sou finito, infinitamente distinto do que eu posso e devo ser. Surge, então, uma tensão fundamental, pela consciência, entre o eu individual e a espécie humana que transcende todos os limites.

Tentando superar essa tensão fundamental entre o eu e o objeto de sua consciência o homem considera sua própria essência infinita, a qual toma por objeto, como distinta de si, como Deus, um ser em si mesmo; é essa ilusão que origina, na verdade, a religião. Este ser produzido pela consciência é um destruidor da dignidade humana.

Pensando Deus, o homem pensa apenas a si mesmo de uma maneira alienada, pois a ideia do infinito é a própria humanidade do homem. Deus é o próprio ser humano alienado de si mesmo: a essência de Deus é a autoconsciência do homem ⁴¹, pois,

A consciência do ser infinito nada mais é do que a consciência que o homem tem da infinitude da sua essência, ou: no ser infinito, o objeto da religião, é objeto para o homem somente a sua própria essência infinita ⁴².

⁴¹ (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia Transcendental e Religião*, Ensaio sobre a Filosofia da religião em Karl Rahner, SP: Loyola, 1984, p.20),

⁴² FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 319. "Das Bewußtsein des unendlichen Wesens ist nichts anderes als das Bewußtsein des Menschen von der Unendlichkeit seines Wesens, oder: in dem unendlichen Wesen, dem Gegenstande der Religion, ist dem Menschen nur sein eignes unendliches Wesen Gegenstand". (Das Wesen des Christentums, p. 461).

Diz a Bíblia: “Deus criou o homem à sua imagem semelhança”⁴³. Para Feuerbach esta afirmação deve ser invertida; verdadeiro é dizer “o homem criou Deus à sua imagem e semelhança”. O homem é um grande projetor e Deus a grande proteção.

3.6. A objetivação da consciência é Deus

A religião separa o homem de si mesmo porque coloca Deus para além e o concebe como um ser anteposto a ele, que é o que o homem não é. Por exemplo, a eternidade e a infinitude, a perfeição, a plenipotência, são os maiores desejos humanos, os quais são inatingíveis ao indivíduo. Por isso é Deus que os possui; o que coloca Deus e homem em pontos totalmente extremos: Deus é fonte de tudo que é positivo e o homem, e toda a negatividade.

Feuerbach quer demonstrar que a religião é a objetivação da essência humana secreta e que essa separação entre Deus e o homem é, na verdade, a separação do homem com sua própria essência.

Dizer que Deus é um ser inteligente, um espírito, é apenas uma projeção do entendimento humano. Deus nada mais é do que a essência genérica objetivada da inteligência humana.

A essência divina pura, perfeita e imaculada é a autoconsciência da inteligência, a consciência que a inteligência ou a razão tem de sua própria perfeição⁴⁴.

⁴³ Gênesis, cap. 1, 27.

⁴⁴ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 77 e 78. “Das reine, vollkommene, mangellose göttliche Wesen ist das Selbstbewusstsein des Verstandes, das Bewusstsein des Verstandes von seiner eignen Vollkommenheit”. (Das Wesen des Christentums, p. 76).

As pessoas que são extremamente racionais não se deixam dominar pela angústia, paixões e excessos que têm os homens sentimentais. Pela razão, o homem se concebe como um ser suficiente, busca igualar-se aos deuses imortais, não se subjugam às coisas, entende que tudo é vaidade, não se prende a nenhum objeto finito. Pela razão condena-se até mesmo o próprio filho por um ato pelo qual é considerado culpado, porque não envolve os sentimentos do coração. A razão é a faculdade do gênero, representa os casos gerais, o coração são os indivíduos, representa os casos individuais. Pela razão o homem pode se abstrair de si mesmo, da sua essência pessoal, subjetiva.

Deus sempre foi o mesmo, mas a compreensão do que seja Deus tem mudado bastante. Há tempos se visualizou Deus como uma figura mais racional, o Deus criador, velho, juiz e castigador. Atualmente mostra-se muito mais a face humana de Deus através de Jesus Cristo, um Deus Pai, misericordioso, sofredor, que nos entrega à mãe e a entrega a nós. Neste sentido nossa razão é capaz de projetar a imagem que desejamos num Deus transcendente, e este recebe passivamente os adjetivos que nele colocamos sendo o que o homem é ou o que deseja ser.

A razão é a faculdade do gênero, é a força ultra e impessoal do homem. É pela razão que o homem tem a capacidade de abstração e de se abstrair de si mesmo, de tomar a sua essência impessoal como essência humana, da espécie. Os antropomorfismos que a religião apresenta contradizem a razão, porque limitam o ser ao caráter objetivo, pessoal e a razão justamente é o impessoal e o abstrato, o ilimitado, ou seja, a figura de um Deus abstrato, não humano, não sensorial, intocável e sem imagem.

Por isso a razão retira de Deus os antropomorfismos, o que lhe dá um caráter implacável e frio; é a própria essência objetivada da razão. Deus como não finito e não humano, não determinado materialmente é

apenas um objeto do pensamento, é apenas uma maneira de o homem se tornar consciente da razão e da inteligência. Deus é a abstração da inteligência dos limites da individualidade e corporalidade. Pois, de Deus não tenho nenhuma imagem, assim como também da razão ou da inteligência não tenho imagem nem forma.

Deus como Deus (como um ser somente pensável, somente objeto da razão) nada mais é do que a razão que é objeto para si mesma. (...). Deus é a razão que se pronuncia, se afirma como o ente supremo ⁴⁵.

A razão é o ser "originário, primitivo". A razão explica que tudo vem de Deus, que ele é a primeira causa. Se não há uma causa, o mundo está entregue ao caos, sem sentido e sem finalidade. A finalidade e a essência do mundo e das coisas a razão somente encontra em si. Só um ser que age com a razão é um ser claro e verdadeiro em si mesmo. A razão é critério da realidade. A razão não pode ser irracional, ou seja, não pode se contradizer, e o que contradiz a razão contradiz a Deus.

Por isso a razão retira de Deus todas as imperfeições, pois só é possível um Deus que seja coerente com a sua essência, ou seja, não é possível, não é racional um Deus que seja inferior à sua própria dignidade. Diz Feuerbach que "a razão não se faz dependente de Deus, mas Deus depende dela" ⁴⁶. Não se pode crer num Deus passional ou irracional, isso contradiz nosso senso de racionalidade. O que se afirma em Deus é a nossa própria razão.

Deus é o 'cerne de todas as realidades', i.é, o cerne de todas as verdades da razão. Tudo aquilo que reconheço na razão como

⁴⁵ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 79 e 80. "Gott als Gott – als ein nur denkbare, nur der Vernunft gegenständliches Wesen – ist also nichts anderes als die sich gegenständliche Vernunft. (...). Gott ist die als das höchste Wesen sich aussprechende, sich bejahende Vernunft". (Das Wesen des Christentums, p. 79, 80).

⁴⁶ Ibidem, p.81. "Die Vernunft macht nicht sich von Gott, sondern Gott von sich abhängig". (Das Wesen des Christentums, p. 82).

essencial, estabeleço em Deus como entidade: Deus é o que a razão pensa como o mais elevado ⁴⁷.

⁴⁷ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 81. "Gott ist der 'Inbegriff aller Realitäten', d.h. der Inbegriff aller Verstandeswahrheiten. Was ich im Verstande als wesenhaft erkenne, setze ich in Gott als seined: Gott ist, was der Verstand als das Höchste denkt". (Das Wesen des Christentums, p. 82).

4 O CONTEÚDO CRISTÃO NA CRÍTICA DE FEUERBACH

4.1 Deus como ser moral

O que sustenta a moral? O homem justo e bom tem em Deus a sua fonte de princípios morais? Que Deus é um ser moralmente perfeito é uma projeção da vontade humana. Deus, na verdade, é a personificação da lei moral do homem. É a sua própria consciência que julga as mais íntimas intenções do ser humano e não Deus.

Feuerbach cita que Kant, nas preleções sobre a doutrina filosófica da religião, diz que Deus é a própria lei moral pensada personificadamente ⁴⁸.

Segundo Feuerbach: “Na religião, principalmente na cristã, a qualidade racional de Deus que se salienta sobre todas as outras é a perfeição moral” ⁴⁹. O homem pensa um ser absolutamente bom e moral ao qual deseja igualar-se. Porém sente-se um nada perante o ser supremo plenamente perfeito. Se o homem consegue aproximar-se da perfeição moral deste Deus, em consequência, encontra a paz. O homem busca a paz, o repouso e a satisfação na religião. Ela é o seu bem

⁴⁸ cf. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p.89.

⁴⁹ Idem. “Die in der Religion, zumal der christlichen, vor allen andern hervortretende Verstandes-oder Vernunftbestimmung Gottes ist die der moralischen Vollkommenheit”. (Das Wesen des Christentums, p. 93, 94).

supremo. O homem religioso quer encontrar a paz em Deus, mas não poderá encontrá-la num ser totalmente diferente de si, cuja essência seja totalmente outra. Para Feuerbach somente posso participar da paz de um ser se possuo a sua essência. Pergunta "como posso participar da paz de um ser se não possuo a sua essência?"⁵⁰. Sentir-se em paz é como sentir-se "em casa", seguro, em território conhecido e sem surpresas desagradáveis. Em território estrangeiro não consigo paz porque não me sinto em casa. Só posso encontrar a paz em Deus se eu possuir a sua essência. Se o homem sente paz em Deus é porque Deus é a própria essência do homem. Feuerbach completa: "portanto, se o homem quiser encontrar a paz em Deus deve ele se encontrar em Deus"⁵¹.

A consciência que o homem tem de um ser moralmente perfeito enquanto um ser abstrato, longe de qualquer antropomorfismo, nos deixa frios e vazios, pois nos distancia deste ser. É consciência sem coração, porque é a consciência da nossa nulidade, da nulidade mortal. Deus é e o homem não é. É contrastante a distância entre Deus perfeito e eterno e o ser humano imperfeito, pecador e limitado no tempo e no espaço. Essa distância lhe causa dor. Porém não posso tomar consciência desta perfeição moral sem me tornar consciente dela como uma lei para mim. A perfeição moral depende da perfeição da vontade. Resume Feuerbach dizendo que: "a ideia de um ente moralmente perfeito não é apenas teórica, pacífica, mas ao mesmo tempo prática, para a ação, que convida para ser imitada"⁵².

⁵⁰ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 88. "Wie kann ich den Frieden eines Wesens teilen, wenn ich nicht seines Wesen bin?". (Das Wesen des Christentums, p. 91).

⁵¹ Idem. "Und soll und will daher der Mensch in Gott sich befriedigen, so muss er sich in Gott finden". (Das Wesen des Christentums, p. 91).

⁵² Idem, *ibidem*, p. 90. "Kurz, die Vorstellung des moralisch vollkommen Wesens ist keine nur theoretische, friedliche, sondern zugleich praktische, zur Handlung, zur Nachahmung auffordernde, mich in Spannung, in Zwiespalt mit mir selbst versetzende Vorstellung". (Das Wesen des Christentums, p. 97).

Precisa o homem libertar-se desta angústia, desta dor causada pela cisão entre si e o ser perfeito, precisa libertar-se do sofrimento que é ter a consciência de ser pecador e sentir-se nulo perante o absoluto. Feuerbach diz que o homem somente poderá se libertar tornando-se consciente do coração e do amor, na medida em que considerar a divindade não somente como a lei, mas como um ser moral e racional que ama, que tem coração, ou seja, que é também humano. "O amor transforma o homem em Deus e Deus no homem" ⁵³. Que Deus é amor é precisamente uma projeção do coração humano. Deus é a objetivação do amor humano, ou ainda, o amor é Deus, e não vice-versa.

O amor representa a unidade entre o homem e Deus. Um ser somente moral não perdoa aquele que age contra a lei moral. Anular o pecado é anular a justiça moral abstrata e afirmar o amor. Por isso se faz necessário que Deus se faça humano, pois somente os seres sensíveis são misericordiosos. A lei subordina o homem a ela, a lei condena o pecador, mas o coração se compadece e perdoa. A lei se impõe com um ser abstrato, e o coração com um ser real. O Deus abstrato da razão não perdoa o pecador, pois isso anula a justiça, visto que o pecador deve pagar pelos seus pecados. Somente os seres sensíveis é que são misericordiosos. Por isso Deus, enquanto ser abstrato da razão não perdoa os pecados, mas o Filho, um Deus feito carne, um ser sensorial, embora não tenha pecados, ele os conhece, entende o sofrimento e o suporta, este pode perdoar.

⁵³ Ibidem, p.91. "Die Liebe macht den Menschen zu Gott und Gott zum Menschen". (Das Wesen des Christentums, p. 99).

4.2 A encarnação de Deus

A encarnação é um fenômeno de um ser que sente humanamente, por isso é essencialmente humano. O Deus que se encarna é apenas o fenômeno do homem que se endeusa. Primeiro o homem se eleva a Deus e depois Deus se rebaixa ao humano. É através da consciência do amor que o homem vai se conciliar com Deus, ou dito melhor, consigo mesmo. A encarnação torna-se um momento de o homem se reconhecer em Deus, pois Deus é homem.

Somente compreende a dor e a fraqueza humanas aquele que sente como humano. Por isso se faz necessário que Deus seja humano, que Deus sofra pelo homem, que Deus ame o homem. Deus se torna um coração sensível a tudo que é humano. E "o coração só pode se dirigir ao coração, ele só encontra consolo em si mesmo, em sua própria essência"⁵⁴. Deus Pai enviou seu Filho ao mundo por amor. Na encarnação o essencial é o amor. Foi o amor que levou Deus a exteriorizar a sua divindade. O Filho é o amor personificado. Deus se absteve de sua divindade por causa do homem. O ser mais elevado e autônomo se humilha por amor ao homem. Isso significa que para Deus o homem tem valor. E isso o homem ama em Deus: o homem ama o amor pelo homem. "Nisso consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu Filho"⁵⁵.

Mas então, em que consiste o mistério da encarnação de Deus? A antropologia não considera a encarnação como um mistério especial, ela encara de modo natural, como algo inato ao homem, como algo advindo do amor. O Deus feito homem é simplesmente a manifestação do homem

⁵⁴ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, pág. 98. "Das Herz kann nur zum Herzen sich wenden; es findet nur in sich selbst, in seinem eignen Wesen Trost". (Das Wesen des Christentums, p. 111).

⁵⁵ 1 João 4,10.

feito Deus. A religião cristã católica prega que Deus se encarnou por amor, a fim de salvar os homens. Isso somente vem manifestar o amor do homem a si mesmo; é, portanto, uma projeção do coração humano que tem sentimentos humanos. O homem sempre quis ver a Deus. Cristo é esse desejo realizado.

4.3 Um Deus que sofre

“Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda miséria humana”⁵⁶.

A Paixão é uma qualidade essencialmente humana, que necessariamente o Deus encarnado a possui. O sofrimento é algo que causa mais impressão no ser humano, mais ainda o sofrimento de pessoa inocente, o sofrimento pelos outros, o sofrimento por amor. O homem não reconhece perfeição humana maior do que sofrer. Sofrer por amor dos outros é, na verdade, divino. Quem sofre pelos outros é um deus para o outro. Dizer que Deus sofre é dizer que Deus tem coração. O homem vê no sentimento uma qualidade divina porque ele mesmo é sentimento e o tem para si como uma qualidade excelente. Um Deus sem sentimento seria um Deus vazio, em última análise, um Nada, justamente porque lhe faltaria aquilo que é sagrado para o homem.

O ser humano sofre pela condição de limitação de sua individualidade e esta é também a condição do Deus humano. Diz Feuerbach que o cristianismo é a religião do sofrimento, que em todas as igrejas a imagem que se apresenta de Jesus é de um crucificado, de um

⁵⁶ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 103. “Gott als Gott ist der Inbegriff aller menschlichen Vollkommenheit, Gott als Christus der Inbegriff alles menschlichen Elends. (Das Wesen des Christentums, p. 118).

sofredor e não de um salvador. Deus é um coração capaz de amar, de sofrer, de se compadecer.

4.4 Sobre a Trindade e a Mãe de Deus

Diz Feuerbach que assim como não satisfaz ao homem um ser sem sentimentos, não satisfaz igualmente um ser com sentimentos, passional, mas sem razão e vontade. O homem precisa de um ser que traga em si o ser humano total; somente este pode satisfazer e responder às suas necessidades. Como o cristianismo pretende ilustrar a trindade ao longo dos séculos para que se aproxime do que ela seja e assim possa ser melhor entendida? A Trindade é ilustrada como espírito, razão, memória, vontade, amor (*mens, intellectus, memoria, voluntas, amor ou caritas*). Deus pensa e ama a si, o amado é o próprio Deus ⁵⁷.

Deus é na medida em que é consciente de si. Deus pensa e ama, mas pensa e ama, na verdade, a si; tem autoconsciência de si. Um ser que existe, mas não sabe que existe, é como se não existisse, de modo que um Deus que não sabe que existe, que não se conhece, na verdade, não existe realmente, isto é, não é Deus. Da mesma forma que o homem não pode se imaginar sem consciência, também Deus não o pode. A consciência que o homem tem de Deus é apenas a “consciência da consciência como entidade absoluta ou divina” ⁵⁸. A religião é a consciência que o homem tem de si, mas uma consciência em sua totalidade viva, em que a consciência de si apenas existe enquanto relacionada e realizada do Eu com o Tu.

⁵⁷ cf. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 109.

⁵⁸ Idem. “Das göttliche Selbstbewusstsein ist nichts anderes als das Bewusstsein des Bewusstseins als absoluter oder göttlicher Wesenheit.” (Das Wesen des Christentums, p. 132).

A religião cristã se abstrai do mundo, é uma religião de interiorização. Isso ocorre porque o próprio Deus é um ser abstraído do mundo, é um ser extra e sobremundano, é o não ser do mundo. Essa característica de Deus como extra mundano provém da essência humana que se abstrai do mundo e se volta para si. Deus é solitário enquanto Deus, enquanto um ente simples, isso significa a autossuficiência e autonomia de Deus, pois somente pode se isolar aquele que é autossuficiente. Deus sob o aspecto daquele que pensa, da plena consciência, é um ser solitário, porque a solidão é a necessidade do pensador. Se no ato de pensar somos autossuficientes, no ato de amar somos dependentes, porque há a necessidade do outro ser para amar e ser amado.

O evangelho segundo João, relata que o apóstolo Filipe pediu a Jesus que lhes mostrasse o Pai (Deus Pai), ao que Jesus responde: "Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: 'Mostra-nos o Pai!?' Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?"⁵⁹.

A Escritura Sagrada mostra a unidade perfeita do Pai e do Filho, que são um só. E, conforme o credo Niceno-constantinopolitano, o Espírito Santo vem do Pai e é também chamado Senhor e, da mesma forma que o Pai e o Filho, é adorado e glorificado. Ou seja, é também Pessoa, formando a Santíssima Trindade: três Pessoas, mas um único Deus⁶⁰.

⁵⁹ João 14, 9-10.

⁶⁰ O Catecismo da Igreja Católica professa desta forma: Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele que falou pelos profetas. Trecho no original grego acessado em http://pt.wikipedia.org/wiki/Credo#Credo_Niceno-Constantinopolitano: Καὶ εἰς τὸ Πνεῦμα τὸ Ἅγιον, τὸ Κύριον, τὸ ζωοποιόν, τὸ ἐκ τοῦ Πατρὸς ἐκπορευόμενον, τὸ σὺν Πατρὶ καὶ Υἱῷ συμπροσκυνούμενον καὶ συνδοξαζόμενον, τὸ λαλήσαν διὰ τῶν Προφητῶν. Trecho em latim, rezado no Vaticano: Et in Spíritum Sanctum, Dóminum et vivificántem: Qui ex Patre Filióque procedit. Qui cum Patre et Fílio simul adorátur et conglorificátur: Qui locútus est per prophétas.

Para Feuerbach a Trindade surge dessa necessidade do outro, do tu e do nós. A Trindade é justamente a consciência que o ser humano tem de si na sua totalidade. O homem pode pensar sozinho, somente no pensar somos autossuficientes, porém no amar somos dependentes, precisamos do outro, do tu. A terceira pessoa da Trindade é expressa na união de amor do pai e do filho. Diz: "Deus pai é o Eu, Deus filho, o Tu. Eu é razão, Tu é amor; só razão com amor e amor com razão é espírito, é o homem total" ⁶¹. Porém, para ele, são somente duas pessoas, pois o Espírito Santo é somente a personificação do amor, visto inclusive que a rigor, para o conceito do amor, dois já são o suficiente. A Deus Pai é atribuída a qualidade fria da inteligência, a luz como essência supraterebre, ao filho, o calor como essência terrestre.

Feuerbach vai explicar como Deus se aproxima do humano. "Deus enquanto filho é a encarnação original, a abnegação original de Deus, a negação de Deus em Deus, porque enquanto filho é ele um ser finito" ⁶². Deus Pai gera o filho, torna-se humano, negando a divindade.

Humilha-se, torna-se finito e é só aí que Deus se torna objeto para o homem, objeto do sentimento e do coração. Deus passa pela experiência de amor pelo filho e é só por isso que ele pode amar a humanidade. Deus só pode amar os seres subordinados, pois ele mesmo tem em si (na Trindade) um ser subordinado, seu filho. Assim como Deus chega ao homem através de seu filho, pela experiência de amor pelo seu filho, o homem chega a Deus pai também através do filho, pois se identifica com a sua humanidade e a humanidade do filho, que é Deus, o eleva à divindade.

⁶¹ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 111. "Gott der Vater ist Ich, Gott der Sohn Du. Ich ist Verstand, Du Liebe; Liebe aber mit Verstand und Verstand mit Liebe ist erst der ganze Mensch". (Das Wesen des Christentums, p. 136).

⁶² Ibidem, p. 112. "Gott als Sohn ist die ursprüngliche Inkarnation, die ursprüngliche Selbstverleugnung Gottes, die Verneinung Gottes in Gott; denn als Sohn ist er endliches Wesen (...). (Das Wesen des Christentums, p. 139,140).

O filho cativa o coração porque o verdadeiro pai do divino filho é o coração humano, o próprio filho é apenas o coração divino, o coração humano que se projeta como uma entidade divina ⁶³.

Feuerbach novamente exemplifica a projeção que ocorre para fora de si de algo que é puramente humano: o coração, a capacidade e a necessidade de amar. O pai é razão, o filho é amor. Assim como o homem não é só razão, o que seria de muita frieza, também Deus não o pode ser, é necessário que também Deus seja amoroso e afetivo, a fim de se tornar próximo do ser humano. Esse desejo de amor cria o filho, um filho que deixa a divindade, como dissemos, para amar e sofrer como homem. É somente assim, por meio do filho que Deus ama o homem e que o homem ama a Deus. O homem se reconhece no Filho e se aproxima de Deus, e também Deus tem a experiência do amor pelo filho para poder amar o homem. O homem é um ser subordinado, inferior a Deus; como pode Deus amar um ser subordinado? Deus ama através do Filho, pois o filho está nele, de modo que dentro de si já tem a experiência de um ser subordinado.

É necessário também que dentro da divindade haja um ser feminino, a fim de completar a família divina, e completar a união amorosa entre pai e filho, visto que a figura do Espírito santo é muito vaga e precária ⁶⁴. Maria, para os cristãos católicos é a Mãe do Filho de Deus, virgem, concebida sem pecado. A respeito do Filho e de Maria, o credo Niceno-constantinopolitano diz:

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E, por nós, homens, e

⁶³ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 112. " Der Sohn ergreift das Herz, weil der wahre Vater des göttlichen Sohnes das menschliche Herz ist, der Sohn selbst nichts ist als das göttliche Herz, das sich als göttliches Wesen gegenständliche menschliche Herz". (Das Wesen des Christentums, p. 140, 141).

⁶⁴ cf. FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p.113.

para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem ⁶⁵.

No entanto, para Feuerbach, Maria não foi colocada entre o pai e o filho como se o pai tivesse gerado o filho por meio dela, visto que a relação do homem e da mulher era vista como algo profano e como pecado. O Filho já foi gerado desde antes de todos os séculos, conforme a Igreja, sendo que Maria foi o canal pelo qual Cristo se encarnou. Para Feuerbach, é suficiente que ela tenha sido colocada junto ao Pai e ao Filho. Observa Feuerbach que a mãe deve ser algo profano, indigno de Deus, pois Deus é somente o Pai e o Filho. O Pai, no entanto, não gerou o Filho de modo natural, ou seja, humano. O Pai gera sem esposa e Maria gera sem marido. Maria é a oposição necessária ao Pai dentro da Trindade. "O Filho é então o sentimento feminino de dependência em Deus" ⁶⁶. O filho natural, humano é um ser intermediário entre o homem e a mulher, nesse sentido é meio homem, meio mulher. A ideia do Filho e a ideia da mãe estão intimamente unidas. O amor do filho pela mãe é a primeira manifestação de submissão do homem à mulher. Poderia o Filho ter surgido de outra forma, porém, o filho é o anseio pela mãe, onde existe um filho deve existir a mãe. Para o pai o filho substitui a mãe, mas para o filho a mãe é essencial. Podemos reconhecer mais o amor de Deus se nele existir um coração materno.

⁶⁵ Do original em grego acessado em http://pt.wikipedia.org/wiki/Credo#Credo_Niceno-Constantinopolitano: "Καί εἰς εἷνα Κύριον, Ἰησοῦν Χριστόν, τόν Υἱόν του Θεοῦ τόν μονογενή, τόν εκ του Πατρός γεννηθέντα πρό πάντων τῶν αἰώνων. Φῶς εκ φωτός, Θεόν αληθινόν εκ Θεοῦ αληθινοῦ γεννηθέντα, οὐ ποιηθέντα, ομοούσιον τῷ Πατρί, οὐ δι' τὰ πάντα εγένετο. Ἡμᾶς τοῦς ανθρώπους καί διὰ τήν ἡμετέραν σωτηρίαν κατελθόντα εκ τῶν ουρανῶν καί σαρκωθέντα εκ Πνεύματος Ἁγίου Τόν δι' καί Μαρίας τῆς Παρθένου καί ενανθρωπήσαντα.

Em latim rezado no Vaticano: "Et in unum Dóminum Iesum Christum, Fílium Dei Unigénitum, Et ex Patre natum ante ómnia sæcula. Deum de Deo, lumen de lúmine, Deum verum de Deo vero, Génitum, non factum, consubstantiálem Patri: Per quem ómnia facta sunt. Qui propter nos hómines et propter nostram salútem Descéndit de cælis. Et incarnátus est de Spírиту Sancto Ex María Vírgine, et homo factus est".

⁶⁶ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 114. "Der Sohn ist also das weibliche Abhängigkeitsgefühl in Gott". (Das Wesen des Christentums, p. 144, 145).

O Deus Trino é um deus rico de conteúdo, daí se tornar uma necessidade quando se abstrair do conteúdo da vida real. Quanto mais vazia for a vida, tanto mais rico, mais concreto será o Deus. O esvaziamento do mundo real e o enriquecimento da divindade é um único ato. Somente o homem pobre possui um Deus rico. Deus nasce do sentimento de uma privação; aquilo de que o homem se sente privado (seja esta uma privação determinada, consciente ou inconsciente) é para ele Deus ⁶⁷.

Esta oposição ente Deus e o homem, ou seja, um homem pobre tem um Deus rico, ou, aquilo de que o homem se sente privado, isso encontra em Deus, ou até mesmo, isso é o seu Deus, explica em relação à trindade a vida do monge e da freira que têm uma vida de solidão no sentido de não constituírem uma família pelo casamento e com filhos. Inclusive deixam pai e mãe, família e tudo o mais para seguir a Cristo ⁶⁸. Esvaziam-se do mundo real e por isso necessitam de um pai celestial, e, mais ainda, de um Deus comunidade, um Deus que é também mãe, um Deus trindade, sua única família.

4.5 A palavra e a imagem divinas

Feuerbach diz que o interesse na Trindade é o interesse unicamente no Filho. O Filho é tido como mediador, por isso o único Deus verdadeiro, objeto imediato da religião. Muitos católicos dirigem-se aos santos em suas orações a fim de conseguir graças e favores de Deus. Na verdade, para Feuerbach, o primeiro é aquele a quem me dirijo. Penso que o santo

⁶⁷ FEUERBACH, Ludwig. A Essência do Cristianismo, p. 116. "Der dreieinige Gott ist ein inhaltvoller Gott, deswegen da ein Bedürfnis, wo von dem Inhalt des wirklichen Lebens abstrahiert wird. Je leerer das Leben, desto voller, desto konkreter ist Gott. Die Entleerung der wirklichen Welt und die Erfüllung der Gottheit ist ein Akt. Nur der arme Mensch hat einen reichen Gott. Gott entspringt aus dem Gefühl eines Mangels; was der Mensch vermisst – sei dieses nun ein bestimmtes, darum bewusstes oder unbewusstes Vermissten – das ist Gott". (Das Wesen des Christentums, p. 148).

⁶⁸ ver Mt.19, 29.

é dependente de Deus, mas na verdade Deus é dependente do santo, Deus é determinado pela vontade do santo. O ser humano precisa dos símbolos e da imagem, porque é um ser emotivo e sensorial. Por isso Jesus, o Filho, embora seja a segunda pessoa em Deus, é a primeira pessoa da religião. O Filho é a materialização de um Deus imaterial, é a satisfação do desejo de contemplação da imagem.

A Palavra de Deus é revelada pelo Filho de Deus.

A palavra é a luz o mundo. A palavra leva toda verdade, soluciona todos os mistérios, mostra o invisível, torna presente o passado e o distante, termina o infinito, eterniza o temporal. Os homens passam, a palavra permanece; a palavra é vida e verdade. A palavra é dado todo o poder: a palavra faz com que cegos vejam, paráliticos andem, doentes se curem e mortos ressuscitem – a palavra faz milagres e na verdade os únicos milagres racionais ⁶⁹.

Que é o mistério da Palavra de Deus? Não é outra coisa que o mistério da palavra humana redentora, reconciliadora e libertadora.

4.6 Criação e providência

Deus criou o mundo do nada, diz a Bíblia. Foi a palavra criadora que deu origem ao mundo. Perante o caos, o nada, Deus disse “faça-se”. Para Feuerbach “a criação é a palavra de Deus pronunciada, a palavra criadora,

⁶⁹ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*, p. 121 e 122. “Das Wort ist das Licht der Welt. Das Wort leitet in alle Wahrheit, erschließt alle Geheimnisse, veranschaulicht das Unsichtbare, vergegenwärtigt das Vergangne und Entfernte, verendlicht das Unendliche, verewigt das Zeitliche. Die Menschen vergehen, das Wort besteht; das Wort ist Leben und Wahrheit. Dem Wort ist alle Macht übergeben: das Wort macht Blinde sehend, Lahme gehend, Kranke gesund, Tote lebendig – das Wort wirkt Wunder, und zwar die allein vernünftigen Wunder”. (Das Wesen des Christentums, p. 159, 160).

a palavra interior, idêntica ao pensamento”⁷⁰. O pronunciamento desta palavra é um ato de vontade, ou seja, é produzido pela vontade, uma vontade que cria, que faz surgir. Assim como no verbo de Deus o homem afirma a divindade do verbo, também o homem afirma na criação a divindade da vontade. Essa vontade não é a vontade da razão, mas a vontade da imaginação que tudo pode, uma vontade totalmente subjetiva. A origem da criação do mundo a partir do nada está no sentimento, mas o arbitrário a exteriorização do sentimento pela vontade. “O mais elevado clímax no princípio da subjetividade é a criação a partir do nada”⁷¹.

Feuerbach aponta para a nulidade do mundo; diz que com o princípio de alguma coisa já está subentendido o seu fim. Ou seja, se uma coisa foi criada e começou a existir, entende-se que esta coisa também vai terminar. “O princípio do mundo é o princípio do seu fim”⁷². A existência do mundo é uma existência momentânea e insegura, uma existência nula. A vontade plenipotente chamou o mundo à existência e, conseqüentemente, chamou o mundo para o nada.

A criação a partir do nada é idêntica ao milagre e à providência⁷³. Todos os milagres foram sempre explicados pela plenipotência que criou o

⁷⁰ FEUERBACH, *A essência do cristianismo*, p. 143. Die Schöpfung ist *das ausgesprochene Wort Gottes*, das schöpferische Wort das innerliche, mit dem Gedanken identische Wort. (Das Wesen des Christentums, p. 190).

⁷¹ Idem. Der höchste Gipfel des Subjektivitätsprinzips ist die Schöpfung aus nichts. (Das Wesen des Christentums, p. 190).

⁷² Idem. Der Anfang der Welt ist der Anfang ihres Endes. (Das Wesen des Christentums, p. 190).

⁷³ O Catecismo da Igreja Católica define a Providência desta forma: §302 A criação tem sua bondade e sua perfeição próprias, mas não saiu completamente acabada das mãos do Criador. Ela é criada "em estado de caminhada" ("in statu viae") para uma perfeição última a ser ainda atingida, para a qual Deus a destinou. Chamamos de divina providência as disposições pelas quais Deus conduz sua criação para esta perfeição: Deus conserva e governa com sua providência tudo o que criou; ela se estende "com vigor de um extremo ao outro e governa o universo com suavidade" (Sb 8,1). Pois "tudo está nu e descoberto aos seus olhos" (Hb 4,13), mesmo os atos dependentes da ação livre das criaturas.

§321 A Divina Providência são as disposições pelas quais Deus conduz com sabedoria e amor todas as criaturas até seu fim último.

mundo do nada. Aquele que criou o mundo a partir do nada, poderia também efetivar milagres. O milagre é a prova da providência. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o mundo não está totalmente pronto e acabado, sendo que Deus é que conduz a sua criação para o fim esperado. A natureza tem suas leis de causa e consequência, às quais são interrompidas na ação da Providência, que as altera para dar o fim desejado. A providência é, portanto uma arbitrariedade da plenipotência, da vontade ilimitada.

A providência relaciona-se somente com os homens e não a outros seres. “Por causa do homem faz a providência com as coisas o que ela quer, por causa do homem anula ela a validade da lei então plenipotente”⁷⁴. A providência se revela no milagre e o maior milagre da providência foi a encarnação do Filho de Deus. Como já dissemos, o homem é o começo, o meio e o fim da religião. Por isso não se escutou dizer que Deus tenha se feito animal por causa dos animais, ou mesmo planta, isso soaria ridículo a nós homens. Como foi o homem o criador da religião e de Deus, a religião assume o antropomorfismo e as ações, objetivos e tudo o mais está referido ao homem e não a outros seres.

A providência está relacionada somente aos homens e em especial aos homens crentes, expressando a diferença entre o homem e o animal. Crer na providência é crer no próprio valor, é crer que Deus se preocupa comigo como eu também me preocupo comigo, é crer que quando eu precisar Deus estará a me socorrer visto que eu valho muito mais que os pássaros do céu e que os lírios do campo⁷⁵. Deus quer a minha salvação e eu também a quero; a minha vontade é a vontade de Deus, o amor de Deus por mim é o meu amor próprio feito Deus.

⁷⁴ FEUERBACH, *A essência do cristianismo*, p. 145. *Um des Menschen willen macht die Vorsehung mit den Dingen, was sie nur immer will, um seinetwillen hebt sie die Gültigkeit des sonst allmächtigen Gesetzes auf.* (Das Wesen des Christentums, p. 193).

⁷⁵ Ver Mateus 6, 25-31.

Aquele que nega a providência nega a Deus, porque não se pode conceber um Deus que não é providência para o homem, visto ser esta uma qualidade divina. Se nego a providência, nego a Deus. A partir deste raciocínio conclui Feuerbach que: "a crença em Deus nada mais é do que a crença na dignidade humana" ⁷⁶.

4.7 Afetividade e oração

Na visão cristã a oração é o diálogo com o transcendente. Ela se baseia na certeza de que Deus tem um cuidado providencial para conosco ⁷⁷. Ele é "cheio de terna misericórdia" ⁷⁸, ouvirá e responderá aos pedidos de seus filhos, nem sempre no tempo ou do modo como gostariam, mas no seu tempo. A oração deve ser feita com toda a confiança ⁷⁹; mesmo que Deus saiba de tudo o que precisamos antes de Lhe pedirmos ⁸⁰.

O mais elevado conceito de Deus para uma comunidade política, cuja política se expressa como religião é a consciência da lei como poder máximo, um poder divino. O mais elevado conceito do Deus da afetividade é o amor, o amor que se sacrifica pelo amado. Deus é o amor que satisfaz nossas necessidades, nesse sentido é o desejo realizado do coração. O homem, movido pelo afeto, tem a certeza de que Deus é amor, e esta é a mais poderosa certeza que tem. A afetividade é o Deus do homem. A afetividade aproxima o homem de Deus através da oração.

⁷⁶ FEUERBACH, Ludwig. Op. Cit., p. 147. Folglich ist der *Glaube an Gott* nichts als der Glaube an die *menschliche Würde*. (Das Wesen des Christentums, p. 196).

⁷⁷ Cf. Mt 6,26-30; 10.29-30.

⁷⁸ Tg 5,11.

⁷⁹ Fp 4,6.

⁸⁰ Mt 6,8-32.

Na oração o homem fala com Deus como se fosse um Tu, externa seus desejos na confiança de que serão realizados. O homem se volta para Deus, pois tem a certeza de que ele o ouve. Diz Feuerbach: "o que é então a oração senão o desejo do coração expresso na confiança de sua realização" ⁸¹.

O homem só pede em oração, pois crê na efetivação dos seus pedidos, como um filho que se dirige ao pai, na certeza de que este quer o seu bem e lhe dará o que pede. A criança vive despreocupada porque ela sabe que o pai faz dela o fim e que o pai é um meio de sua existência. O pai sabe o que o seu filho precisa, de modo que o pedido manifestado é apenas o poder que a criança exerce sobre o pai. Esse poder não é um poder de dominação ou de imposição, pois o pai ama o seu filho e a simples manifestação do seu desejo é o suficiente para estar certo da sua realização. Caso não se concretize o objeto do pedido, entender-se-á que foi providencial e melhor para o filho que ele não tenha conseguido.

O homem, na oração, encontra-se consigo mesmo, encontra-se com seu próprio coração, ou seja, com a sua própria essência. A oração é a separação do homem em dois seres. Se ela é diálogo, é o diálogo consigo mesmo.

Deus quer a felicidade do homem e o homem quer ser feliz. A vontade de Deus é idêntica à vontade do homem. Pela oração o homem se volta à onipotência da bondade (que se sobrepõe à natureza) que faz realizar o mais íntimo desejo de afetividade. Isso significa que: "na oração o homem adora o seu próprio coração, ele contempla a essência de sua afetividade como o ser mais elevado, divino" ⁸².

⁸¹ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p. 163-164. "Was ist also das Gebet, als der mit der Zuversicht in seine Erfüllung geäußerte Wunsch des Herzens?" (Das Wesen des Christentums, p. 221).

⁸² Ibidem, p. 166. "Im Gebete betet der Mensch sein eignes Herz an, schaut er das Wesen seines Gemüts als das höchste, das göttliche Wesen an". (Das Wesen des Christentums, p. 226).

4.8 A Ressurreição e o nascimento sobrenatural de Cristo

Todo ser humano tem o desejo de viver para sempre embora constate que até hoje não há quem não tenha passado pela morte. Este desejo, diz Feuerbach, é idêntico ao instinto de conservação. Como este desejo não se realiza nesta dimensão terrena, espera-se uma vida melhor após a morte.

A razão não é suficiente para provar a possibilidade desta outra vida e nos dar certeza de sua existência. Precisamos de uma demonstração sensorial que nos convença e nos prove tal realidade. Essa confirmação somente é possível se um morto voltar à vida. Porém não basta ser qualquer um, deve ser um morto que sirva de exemplo, que seja um modelo para os outros, de modo que também a sua ressurreição seja um modelo e garantia de ressurreição dos outros. Cristo foi este modelo, e a sua ressurreição foi a satisfação desse desejo que o homem tem de uma certeza imediata de que ele também terá uma continuação após a morte. A ressurreição de Cristo é a imortalidade pessoal como um fato sensorial do qual não se pode duvidar. Após essa demonstração sensorial, “quem nega a ressurreição nega a ressurreição de Cristo, quem nega a ressurreição de Cristo, nega Cristo, mas quem nega Cristo, nega Deus”⁸³. O mistério da ressurreição de Cristo é a satisfação imediata do desejo que tem o homem da imortalidade pessoal.

A respeito do nascimento sobrenatural de Cristo pode-se dizer que representa uma contradição entre duas realidades e valores. De um lado está o valor da virgindade, o mais elevado conceito de moralidade, e de outro, a maternidade. Aí se dá um conflito entre um sentimento natural e um sentimento antinatural ou sobrenatural. São dois atributos que se

⁸³ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p.176. “Wer die Auferstehung leugnet, leugnet die Auferstehung Christi, wer Christi Auferstehung leugnet, leugnet Christus, wer aber Christus leugnet, leugnet Gott”. (Das Wesen des Christentums, p. 242).

excluem mutuamente. Aqui, diz Feuerbach, o catolicismo entra em contradição, pois tanto o celibato quanto o casamento são sagrados. Maria encarna essa contradição, ela é a mãe virgem, ou a virgem maternal. Essa fusão é milagrosa, contrária à natureza e à razão, porém responde perfeitamente bem ao sentimento e à fantasia.

4.9 O celibato como antevisão da vida celestial

O cristianismo sempre desprezou o sexo e tomou a vida matrimonial como inferior à vida consagrada e celibatária. Esta última já seria uma ilustração da condição daqueles que vivem numa vida celestial. No céu não há sexo. Nessa perspectiva a vida celibatária já está muito mais próxima do céu. Aquele que quer o céu deve deixar de lado tudo que é terreno. Os antigos cristãos ansiavam pela morte, pois ela representava a libertação para a verdadeira vida. Aquele que anseia pelo celestial não tem prazer pelo que é terreno. O casamento é em si um pecado, uma fraqueza; porém casar já é uma indulgência contra a energia dos sentidos, diz Feuerbach, é um mal que deve ser restringido ao máximo, isto é, para sempre deve o homem ter uma única mulher. Mas aquele que casou-se deve considerar o matrimônio sagrado, de modo que só o olhar com desejo para outra mulher já comete adultério.

Pergunta-se por que eu devo contrair uma união se o verdadeiro desígnio é a vida celestial em que não haverá esse tipo de relacionamento? Muito mais coerente e racional seria realizar já nesta terra o meu ser celestial. O amor de Deus é um amor que quer exclusividade, é um amor ciumento, que me quer só para ele, não quer divisão do meu coração. O homem casado divide seu amor entre Deus e sua mulher. São Paulo questiona como é possível amar a Deus e uma

mulher; estaria assim colocando Deus e a mulher em posição de igualdade? O apóstolo Paulo diz que não é possível amar a Deus e uma mulher. Aquele que casou deve pensar na sua mulher, e aquele que é solteiro deve agradar a Deus. O verdadeiro cristão não precisa do amor natural de uma mulher, Deus lhe supre a necessidade da mulher e da família.

Feuerbach faz essas reflexões a fim de ilustrar como o homem é diminuído pela religião, sua humanidade é podada e reduzida, rouba do homem a dignidade.

O homem total, completo é homem e mulher. Homem e mulher juntos são a espécie humana. Um homem completo, que não renega sua masculinidade, que se sente homem e tem este sentimento como natural, sente-se incompleto, parcial, e precisa de outro ser parcial, a mulher, para formar o todo. Mas no cristianismo o matrimônio não é sagrado, só aparentemente, pois o amor sexual que é parte integrante e essencial do casamento é considerado profano.

4.10 Considerações

A essência da fé cristã está naquilo que o homem deseja para si, ou seja, nos interesses existenciais: imortalidade, felicidade, bem-aventurança.

Neste capítulo pudemos expor como Feuerbach compreende a religião a partir do seu conhecimento do homem. Em cada aspecto analisado percebe-se claramente a inversão que a religião fez de uma perspectiva que Feuerbach procura mostrar e desmistificar. As três forças infinitas do homem: a razão, a vontade e o amor nas suas diversas manifestações são projetadas para fora dele como se fosse um objeto

estranho a ele. Ao compreender-se isso, tem-se uma chave para resolver o mistério em torno de Deus, de uma vez por todas. Isso que é a encarnação de Deus, o mistério da paixão, da Trindade, da palavra de Deus, da ressurreição de Cristo e o seu nascimento sobrenatural a providência, a oração, para a religião, na verdade não passa de um potente reflexo que não tem outro ser que o do mesmo homem que o projeta. A aspiração a uma vida celestial em detrimento e negação da própria essência e humanidade do homem é algo para o qual ele deve ser alertado a fim de que se liberte e viva.

A religião escraviza de tal forma o homem que ele deixa de ser verdadeiramente humano, pois nega sua essência, lança-a para o transcendente e a adora como se fosse outra essência.

À filosofia cabe despertar no homem a consciência de si, para descobrir que toda teologia é uma antropologia inconsciente de si. Trata-se de um retorno da essência humana (o Deus do homem) para o seu devido lugar, o homem; daí resulta que o homem se torna o único deus para o homem.

5 O ATEÍSMO ANTROPOLÓGICO

Feuerbach pretende desvendar a consciência e a essência humanas que foram exteriorizadas dogmaticamente pela religião. O ser humano faz história, e a história refere-se unicamente ao gênero humano, de sorte que a história da religião, da teologia ou a história de Deus é, em última análise, a história do homem. Deste modo sua tese antropológica é a de trocar o lugar do sujeito pelo predicado e vice-versa, invertendo a passagem Bíblica: “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”⁸⁴. Essa inversão significa que para Feuerbach o homem é o Deus para o próprio homem.

Reduzir a teologia à antropologia é uma tentativa de análise crítica da religião que faz parte da organização da sociedade e que impediu o homem de se desenvolver, sendo tomado como joguete passivo e dominado por meras ilusões. Neste sentido não tem, portanto, um caráter negativo, visa somente compreender o homem e a religião a fim de demitologizar esta última.

Feuerbach está convencido de que teologia e antropologia se identificam, pois Deus e o homem, na verdade, são um único ser. Ele relativizou o sobrenatural e sobre-humano de Deus reduzindo-o às partes integrantes do ser humano como seus componentes fundamentais. Para

⁸⁴ Gn. 1, 27.

ele o homem é o início, o meio e o fim da religião. O ateísmo apresenta-se como a libertação do homem quando este toma consciência do que é a religião e então retornam para si todos os atributos que lhe pertencem e que os tinha posto para fora de si como outro. Feuerbach tem como objetivo fazer uma inversão total do cristianismo, mostrando que os predicados atribuídos a Deus se referem, na verdade, ao homem. Sua principal obra "A essência do cristianismo" se divide em duas partes: na primeira trata da essência autêntica da religião, isto é, antropológica, da religião. Na segunda parte trata da essência falsa da religião, isto é, teológica da religião. Na primeira mostra que o significado da teologia é a antropologia e que não há distinção entre os predicados da essência divina e da essência humana.

Parte do princípio de que a religião se baseia na diferença entre o homem e os animais, visto que estes últimos não a possuem. E a resposta a isto está na consciência que os animais não possuem. Esta consciência humana é consciência de gênero ou consciência da humanidade, e que se constitui pela razão, pela vontade e pelo coração.

O homem não é só o fundamento da religião, como também é seu objeto:

Na relação com os objetos sensoriais é a consciência do objeto facilmente discernível da consciência de si mesmo; mas no objeto religioso a consciência coincide imediatamente com a consciência de si mesmo. O objeto sensorial está fora do homem, o religioso está nele, é mesmo íntimo⁸⁵.

Como o homem pensar, assim é o seu Deus; o valor que tiver o homem, este será o valor atribuído a Deus.

⁸⁵ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p. 55. "Im Verhältnis zu den sinnlichen Gegenständen ist das Bewusstsein des Gegenstandes wohl unterscheidbar vom Selbstbewusstsein: aber bei dem religiösen Gegenstand fällt das Bewusstsein mit dem Selbstbewusstsein unmittelbar zusammen. Der sinnliche Gegenstand ist ausser dem Menschen da, der religiöse in ihm, ein selbst innerlicher". (Das Wesen des Christentums, p. 45).

5.1 Deus como projeção humana

Percebendo a infinitude do homem como natureza humana, como gênero, fundamenta que Deus é uma criação do próprio homem, fruto da projeção de sua essência para fora de si como sendo um outro ser.

Feuerbach realiza uma interpretação antropológica e psicológica da religião, e, como pura antropologia, esta nova religião é ateia. A religião, profundamente entendida, não é simplesmente uma fraude dos padres, um artifício para escravizar o homem. É o comportamento do homem consigo mesmo, ou melhor, com sua essência; nisso consiste a verdade da religião. Porém sua falsidade está em ser o comportamento do homem com sua essência como se fosse outra essência. Em outras palavras, a verdade da religião está em identificar os predicados humanos e divinos; sua falsidade, na intenção de distingui-los. Todos os predicados atribuídos a Deus, na verdade, pertencem ao homem. A bondade, o amor, a justiça, a misericórdia, a infinitude, qualidades às quais contempla em Deus, são suas próprias qualidades.

5.2. A redução da teologia à antropologia

No processo de redução da teologia à antropologia, Feuerbach tomou uma atitude crítica frente à religião, buscando os seus aspectos positivos e negativos. Decidiu assim, reinterpretá-la e aperfeiçoá-la.

A falsidade da religião leva a uma alienação e empobrecimento do homem. A religião aparece como auto-estranhamento e auto-alienação, não de Deus, como pensava Hegel, mas de cada homem individual, esvaziando-se de suas riquezas interiores e, com elas, adornando a Deus

que se torna rico à custa do empobrecimento do homem. O homem projeta todas as suas qualidades positivas em Deus, em um ser estranho e faz dele uma realidade que passa a dominá-lo de uma forma que o deixa passivo e estranho perante a sua própria essência.

Por isso Feuerbach vai mostrar que a religião é uma ilusão, uma alienação, e, em consequência, a negação do homem. Daí decorre que o ateísmo é indispensável "para que as classes oprimidas possam lutar por sua libertação, pois 'só o homem pobre possui um Deus rico'" ⁸⁶.

Deve-se fazer com que Deus e o homem voltem a ser um único ser, a fim de recuperar ao homem todas as riquezas perdidas. Como se fará para que Deus e o homem voltem a ser um?

O processo de retorno ao homem, da revalorização e reafirmação do homem se dará se o que para a religião é o predicado (inteligência, moralidade, amor e sofrimento) voltar a ser sujeito. Assim não se diga mais Deus é inteligência, moralidade, amor, sofrimento (aí Deus seria um ser objetivo, existente em si e por si), mas o inverso: a inteligência, a moralidade, o amor e o sofrimento são divinos.

O ateísmo apresenta-se como o mistério da religião. Para Feuerbach, de maneira alguma é o ateísmo pura negação; antes é afirmação, pois, se nega, nega somente para afirmar um verdadeiro humanismo. Não se deve simplesmente negar a Deus, deve-se antes afirmar e exaltar a verdadeira essência do homem. O ateísmo é como que o retorno do homem a si mesmo, verdadeiramente consciente de sua essência infinita. O ateísmo é a negação da negação que nega o homem. Quando se nega a Deus, nega-se a negação do homem, libertando-o e devolvendo-lhe o que a religião lhe havia tirado, assim, dando a ele novas forças para progredir nesta vida, sem falsas aspirações; aí será possível a construção do "céu" na terra.

⁸⁶ ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*, p.103.

Pelo ateísmo o homem deve recuperar a sua dignidade que o ateísmo arrebatou. "O ateísmo se revela como o processo de redescoberta da dignidade do homem: para que o homem seja, é necessário destruir sua criação, Deus" ⁸⁷. Disso depende a construção de uma humanidade que seja digna do homem e que possibilite a sua verdadeira realização.

O homem deixa de ser verdadeiramente humano quando afirma Deus. Deus e o homem são como extremos, de modo que se eu considero Deus como "o tudo", plenipotente, considero o homem "o nada", o impotente. Para que o homem seja é necessário que Deus não seja.

A religião apresenta-se como um estorvo para o homem. Em nome da fé e da defesa da Palavra de Deus impossibilita-se o progresso, o desenvolvimento das ciências. "A religião não dá a devida importância à vida presente pondo toda a esperança de libertação no céu" ⁸⁸. Proclama a vanidade do mundo, fazendo com que o homem deixe de preocupar-se com ele, entregando-o à sua sorte, e busque sua realização somente no outro mundo. A religião deprecia o corpo, o sexo e o matrimônio. Em nome da fé se sacrifica o amor; o amor que deveria ser amor do homem pelos homens é amor a um Deus ilusório. O cristianismo sempre considerou o homem somente como indivíduo, acentuando o aspecto de sua finitude, para que, por sua vez, Deus se colocasse muito acima de tudo. O cristianismo fez com que se ignorasse o homem como humanidade, como espécie para que Deus aparecesse no seu lugar como o tudo em todas as coisas. Assim sendo, não haveria mais necessidade de outros homens, do tu, do nós, da convivência amigável entre os indivíduos e o matrimônio como coroação do amor entre duas pessoas, pois o tudo, o absorvedor de todas as atenções, o ser absoluto com o qual deveria relacionar-se seria Deus, a fim de merecer a recompensa após esta vida.

⁸⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia Transcendental e Religião*, Ensaio sobre a Filosofia da religião em Karl Rahner, pág.21.

⁸⁸ ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*, p.102.

Deve-se eliminar Deus e a realidade transcendente infinita, o que não significa eliminar a moral. Ela simplesmente independe da religião, pois a justiça, a bondade, o amor tem seu fundamento em si mesmos. O homem tem a moral dentro de si, sabe distinguir o bem do mal e buscar o que é bom como valor em si. Não necessita de um Deus impositor e castigador, ou de uma religião que lhe obrigue a agir moralmente. Se a moral não tivesse fundamento em si mesma, não haveria necessidade interna desta moral e ela se tornaria um objeto do capricho infundado da religião.

Feuerbach tem a intenção de desmascarar e desmistificar Deus e os deuses, apoiando o homem para que encontre em si mesmo a fonte de sua atuação e não fora ou acima de si. É pelo progresso da ciência e da educação que se alcançará tal objetivo; progresso de superação da dependência, do temor, do desamparo e da ignorância, ou seja, a partir do ateísmo, ou, melhor dizendo, do antropoteísmo.

Hans Küng, comentando Feuerbach, mostra quão simples é desvendar todo o enigma da religião.

Basta traducir fiel y correctamente la religión cristiana del lenguaje oriental figurado a un alemán correcto, basta hacer un simple análisis filosófico-histórico..., y se tendrá la solución del enigma de la religión cristiana: lo religioso se reduce a lo humano ⁸⁹.

A filosofia torna-se, então, a verdadeira “religião”, a “religião ateia”. Não é preciso ir longe se o bem se encontra aí tão perto! Necessitamos, isso sim, colocar no lugar do amor a Deus o amor ao homem, no lugar da fé em Deus, fé do homem em si mesmo, em lugar do além o aquém.

⁸⁹ KÜNG, Hans. *Existe Dios?* 1979, p.287. “Es braucht nur die getreue, richtige übersetzung der christlichen Religion aus der orientalischen Bildersprache in richtiges Deutsch, es braucht nur die historisch-philosophische Analyse-und man hat die Auflösung des Rätsels der christlichen Religion: das Religiöse zurückgeführt auf das Menschliche” (KÜNG, 1978, p.236).

Feuerbach anuncia o fim do cristianismo dizendo que, agora, o lugar da fé é ocupado pela descrença; o lugar da Bíblia pela razão; o da religião e da Igreja pela política; o do céu pela terra; o da oração pelo trabalho; o do inferno pela necessidade material e o do cristão pelo homem.

6 APONTAMENTOS CRÍTICOS

Feuerbach empregou toda sua vida para tentar salvar o homem, a humanidade da ignorância em que estava submersa: de servir e adorar a um Deus ilusório como sendo uma realidade objetiva. Insistia no fato de que este Deus adorado como um outro ser era nada mais que uma projeção, por força da consciência, das qualidades boas que são da natureza humana, para fora de si mesmo; projeção também daquilo que o homem deseja ser, o que faz com que, de certa forma, esses seus desejos sejam satisfeitos.

Para desvendar o mistério da religião criticou-a com argumentos, com os quais ainda hoje os ateísmos se nutrem. Por isso vamos procurar analisá-los, em linhas gerais, a fim de vermos em que realmente se fundam e se estes seus fundamentos realmente são sólidos.

Feuerbach é importante para o problema da crítica religiosa, pois tomou o tema da religião como tema central de seu pensamento. Feuerbach maneja os textos e fontes com parcialidade; não toma a totalidade dos mesmos. A esse seu sistema apriorista e sistematizado acomoda e até submete os dados históricos. Usa um dogmático "nada mais é que" para apresentar suas ideias. Sua antropologia é a única chave para explicar tudo, é o único dogma inquestionável.

Apesar de seu materialismo, Feuerbach nunca conseguiu acesso ao real, de modo que nunca deixou de ser idealista. Friedrich Engels já não o considera digno de menção. Escreve a Marx em 19 de novembro de 1844 dizendo que M. Stirner tinha razão quando ignorava o "homem" de Feuerbach, pois este era deduzido de Deus, permanecendo sempre uma figura fantasmal, enquanto não estivesse baseado no homem empírico. Feuerbach adquire um sucesso apenas parcial quando deseja superar a filosofia teológica tradicional, de modo especial como a apresenta o sistema hegeliano. Na sua interpretação antropológica permanecem elementos metafísicos, pois a espécie humana é caracterizada como infinita sem fundamentação crítica suficiente.

Quando fala do homem individual como se fosse o homem em geral torna-se acrítico em relação às próprias projeções. Homem concreto, individual, finito, limitado é uma coisa, outra distinta é o homem em geral, a espécie humana. Por isso mesmo o homem não pode produzir nem alcançar a infinitude como meta de todo o seu ser, nem a unidade com o infinito. O conceito de homem como gênero é uma abstração e não realidade objetiva; ou teria a espécie humana uma realidade à margem dos indivíduos finitos que existem? A apoteose da espécie carece de fundamento, é mais uma projeção, pois simplesmente a postulou. Feuerbach não consegue libertar-se totalmente da metafísica teológica, pois quando fala da infinitude do homem e de suas forças, recorre a um pressuposto metafísico. Podemos perguntar: pode a projeção de uma essência humana tão espectral garantir o humanismo que Feuerbach tanto quer?

Feuerbach simplesmente ignora o fenômeno religioso de que, em todas as culturas, e alguma forma, manifestou-se um voltar-se para o mistério, para o além, para a realidade divina transcendente; e os povos se têm conhecido à luz de realidade divina que têm descoberto em sua vida. A religião, desde o começo, aparece como essencial ao homem tanto

quanto a linguagem, o uso de ferramentas... A concepção arreligiosa do homem é um produto que surgiu mais tarde na história da humanidade.

Para fazer sua crítica Feuerbach baseia-se na história das religiões e do cristianismo e na prática destas religiões. É inegável o fato de que, em nome da fé, praticou-se crimes, legitimou-se a opressão, impossibilitou-se o progresso científico, porém, isso não pertence ao ser da religião, foi um desvio de seu ser verdadeiro, um pecado histórico de seres humanos limitados. Segundo B. Welte, existe o ser e o não ser da religião, pode ocorrer o uso verdadeiro e o uso falso da fé cristã e, portanto, deve distingui-los.

Fazendo uma análise histórica, vemos que hoje a Igreja não mais impede o crescimento científico, pois a fé necessariamente não o contradiz; é o que diz a própria Igreja católica. Se a pesquisa metódica, em todos os campos científicos, se der de forma verdadeiramente científica e em conformidade com as leis morais, nunca será oposta à fé, já que tanto as realidades profanas quanto as da fé têm sua origem no mesmo Deus. O que hoje ocorre é que o homem faz uso de sua técnica, do progresso científico-tecnológico de maneira desenfreada e isso nem sempre tornou o homem mais humano; não é a religião que proclama a vanidade do homem, esta, ao contrário, valoriza-o em todas as suas dimensões, mas é a técnica que a proclama, muitas vezes até submetendo a si o próprio homem. Com isso, não irá o homem destruir a si mesmo?

Feuerbach diz que, aquilo que o homem deseja ser, isso ele projeta num Deus transcendente, juntamente com todas as suas qualidades positivas. Deus nada mais é do que uma projeção, um produto dos desejos humanos. É certo que, pelo fato de que há uma orientação da intencionalidade da consciência a alguma coisa, não se pode concluir a existência de tal coisa; o contrário, porém, também é válido: não é pelo

fato de que se deseja algo, que este algo não possa existir. Feuerbach somente afirma e não existência objetiva de Deus, nunca a provou.

Segundo Eduard von Hartmann, Feuerbach baseia-se, para sua crítica da religião, num sofisma lógico.

De que los dioses sean seres deseados no se sigue nada a favor de su existencia", concluye E. Von Hartmann: "Es muy cierto que una cosa no existe por el mero hecho de que se la desee; pero no es exacto que una cosa no pueda existir porque se la desea. Toda la crítica de la religión de Feuerbach y todas las pruebas de su ateísmo, sin embargo, se basan en esta única argumentación, es decir, en un sofisma lógico⁹⁰.

O ateísmo de Feuerbach fundamenta-se todo aí, nessa conclusão falha de que Deus é produto dos desejos humanos. Nada impede que, aos nossos desejos, corresponda algo de real. É bem possível que o seu ateísmo seja também fruto do desejo. Não se pode provar Deus experimentalmente, porém isso não significa a sua não existência. Não posso provar empiricamente nem a existência nem a inexistência de Deus; Parece que aí há um empate. O seu ateísmo é defendido intuitivamente, sem fundamentá-lo crítica e cientificamente.

Feuerbach, no lugar do Deus transcendente, o qual julga ser projeção do homem, quer colocar o gênero humano que restituiu a si as qualidades que havia perdido em Deus; desta maneira, o homem tornar-se-ia deus para o próprio homem. Essa exaltação da humanidade não irá conduzir a novos esvaziamentos do homem concreto?

Feuerbach interpreta a Trindade e outros temas da cristologia como transposição das categorias humanas e pessoais para a realidade de Deus.

⁹⁰ KÜNG, Hans. *Existe Dios?*, p.295. "Wenn die Götter Wunschwesen sind, so folgt daraus für ihre Existenz oder Nicht-Existenz gar nichts", führt E. von Hartmann aus: "Nun ist es ganz richtig, dass darum etwas noch nicht existiert, weil man es wünscht; aber es ist nicht richtig, dass darum etwas nicht existieren könne, weil man es wünscht. Feuerbache ganze Religionskritik und der ganze Beweis für seinen Atheismus beruht jedoch auf diesem einzigen Schluss, d. h. auf einem logischen Fehlschluss" (KÜNG, Hans. *Existiert Gott?*, p.243).

O caminho histórico, porém, é inverso: a partir da verdade da Trindade, da sua concepção e de Jesus Cristo é que surgiu o conceito de pessoa como definição do homem, de modo que tal conceito não pode ser projeção deste mesmo homem.

Critica o cristianismo porque fez desaparecer o homem como humanidade, como espécie, substituindo-o pelo conceito de Deus. Com isso não quer eliminar a moral, pois esta tem seu fundamento em si mesma. Feuerbach, no entanto, não explica por que necessariamente se excluíam razão e Bíblia, política e religião, trabalho e oração, céu e terra, Deus e homem. Não pode um cristão ser mais humano que um ateu?

Feuerbach, com sua tese secularista, profetizou o fim do cristianismo. Constatamos, porém, sem dificuldades, que esta profecia não se efetivou. Pelo contrário, com estas e outras crítica à religião e com a tomada de consciência dos erros cometidos no passado, a religião pode se purificar e voltar-se ao que ela realmente deve ser. O que decaiu foi antes o ateísmo, justamente por carecer de fundamentos racionais.

Feuerbach queria corrigir a Bíblia dizendo "o homem criou Deus à sua imagem e semelhança". No entanto, esta afirmação é precedida pela original "Deus criou o homem à sua imagem e semelhança", pois o "antropomorfismo" com que o homem fala de Deus não se demonstra como uma consequência do "teomorfismo" do homem (M. Scheler).

O cristianismo não escravizou o homem, antes o libertou. O Novo Testamento traz a Boa Nova da liberdade, contra a superstição, contra as escravidões, a dependência do Estado, de classe, de Nação. "O homem pobre tem um Deus rico" – não é verdade! Deus não é rival ou competidor do homem, antes é o fundamento primeiro que o cria e o mantém no ser por sua liberdade.

Embora Feuerbach tenha uma visão bastante unilateral, não se pode negar que a sua posição se tornou bastante comum na vida prática de

grande parte da humanidade ocidental que adere a fé neste mundo. Há ainda muitas questões a resolver, tais como:

como se poderá falar de Deus num mundo secularizado? Poderá o anúncio da fé hoje pressupor que a necessidade religiosa representa uma estrutura humana fundamental? Poder-se-á eliminar o dualismo deus e o mundo, aquém e além, com subjaz em muitas concepções da fé, sem perder a causa de Deus? ⁹¹.

Feuerbach não pode ser ignorado. As questões que formulou perduram até hoje. Com ele, também o homem de hoje, ao mesmo tempo rejeita Deus e aceita o divino. A crítica religiosa de Feuerbach é pertinente enquanto se refere a manifestações históricas do cristianismo. Devemos reconhecer que a Igreja incorreu em muitas falhas durante a história; muitas vezes defendeu Deus contra o homem, o além contra o aqui, o espírito em prejuízo do corpo. Na história do cristianismo, muitas vezes, Deus foi fabricado e usado conforme os interesses e necessidades do momento. No entanto, o discurso sobre Deus não pode ser o da superação da oposição Deus e mundo num movimento dialético do espírito. O que ocorre daí é o panteísmo e também o ateísmo. A partir da ideia de que o homem só é verdadeiramente homem na relação com o tu fundam-se as filosofias da existência e do personalismo. Entretanto não é preciso negar a Deus para afirmar o homem, pois só chega a Deus quem, nesta vida, soube amá-lo na figura de cada homem concreto, ou seja, não é possível que eu seja amigo de Deus sem sê-lo dos homens.

⁹¹ ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*, pág. 118.

CONCLUSÃO

Feuerbach foi um filósofo determinado e apaixonado na investigação daquilo que para ele foi o tema mais importante, a religião. Investiu a vida toda e a sua carreira acadêmica para desvendar este mistério que é a religião. “Somente um apaixonado pela religião teria coragem de escrever um livro que lhe custaria a carreira acadêmica e o condenaria ao ostracismo intelectual pelo resto de sua vida”⁹². Se a religião está presente em todos os povos, através das mais diferentes manifestações, isto não é para ele de todo negativo. Feuerbach não quer negar esta realidade. No entanto, é tarefa do verdadeiro filósofo perguntar o que é, como é e por que é cada coisa, ideia ou valor⁹³. Foi o que procurou fazer e fez o nosso filósofo de Landshut.

A intenção de Feuerbach não foi a de destruir a teologia e a religião com sua crítica radical, mas foi a de redescobri-la através da “demitologização” das pretensões teóricas da religião. Não entende a religião como uma ilusão; ilusão é o que a teologia fez com a religião, transformando-a numa realidade metafísica.

A metodologia pouco ou nada sistemática de Feuerbach ao desenvolver a sua investigação refletiu neste nosso trabalho que também

⁹² ALVES, Rubem, in FEUERBACH, Ludwig. A essência do Cristianismo, p. 7.

⁹³ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*, p. 21.

foi pouco sistemático, visto que a compreensão dos argumentos vai se dando como numa espiral, retornando muitas vezes, mas aprofundando e elevando a sua compreensão.

Partimos de um breve conhecimento de nosso filósofo e de suas influências, para depois adentrar na questão do homem, o grande foco de sua investigação. A meta de Feuerbach era responder como e de onde surge a religião. A esta pergunta responde que ela surge do próprio homem. Este homem é limitado e fraco em sua individualidade, porém forte e eterno em sua espécie e em sua essência. É a consciência que possibilita ao homem criar a religião, porém este ato de criação é inconsciente, de modo que passa a acreditar que Deus é um ser autônomo e que existe independentemente do homem. Nisto, está a falsidade da religião. Em contrapartida, a verdade da religião está em o homem descobrir a sua verdadeira essência, a fim de que retome a sua dignidade.

No capítulo sobre a religião procuramos tomar alguns pontos que pensamos centrais na reflexão a que nos propomos, sem a pretensão de esgotar as possibilidades. O que para o cristianismo é fundamental como a questão da trindade, do Deus enquanto Pai, Filho e Espírito Santo, a Mãe de Deus, a encarnação, a questão do sofrimento e do perdão e da palavra foi priorizado, sempre no intuito de trazer a reflexão e a crítica de Feuerbach à tona.

Feuerbach acredita que há na religião uma carência da consciência de si do homem. Essa falta da consciência é o que funda a religião, motivo pelo qual o homem (religioso) aliena a sua essência; classifica essa fase religiosa como a "essência infantil da humanidade", pois que este homem (infantil) adora sua própria essência não a reconhecendo como sua. Essa distinção e oposição entre o humano e o divino não ocorre de fato, ao contrário, é ilusória.

A verdadeira libertação do homem encontra-se na tomada de consciência daquilo que ele fez com a sua própria essência, e assim possa recuperar para si o que é seu de direito. Para ele a teologia é uma antropologia e o homem é o seu próprio deus.

Feuerbach, com sua crítica religiosa, foi o precursor da esquerda hegeliana, e através de sua redução da teologia à antropologia, marcou a passagem do idealismo para o materialismo. Muitos filósofos o tomaram como mestre e modelo, depois o abandonaram; mas é certo que os ateísmos ainda hoje se nutrem de sua filosofia, pois levantou questões que não encontraram suas respostas definitivas e nos levam a refletir em profundidade. Sua sinceridade impressiona. Estava convencido de que a religião escravizava o homem e, a partir disso, procurou incansavelmente desvendar os seus mistérios, a fim de, pelo ateísmo, trazer ao homem liberdade, autonomia, coragem e forças para construir a sua felicidade hoje e não num futuro distante e, segundo ele, inexistente. Seu ateísmo foi antes uma opção, uma atitude de vida, que uma conclusão da razão. No entanto, se crer em Deus é difícil, mais difícil é viver sem ele.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Feuerbach

- 1 FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**, trad. BR. De José da Silva Brandão Campinas: Papirus, 1988.
- 2 _____. **Preleções sobre a essência da religião**, trad. BR. De José da Silva Brandão, Campinas: Papirus, 1989.
- 3 _____. **Necessidade de uma reforma da filosofia**, trad. Port. Artur Mourão, Lisboa: Edições 70, 1988.
- 4 _____. **Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia**. Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- 5 _____. **Princípios da Filosofia do Futuro**, Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa: Edições 70, 1988.
- 6 _____. **Das Wesen des Christentums**. 2., durchgesehene Auflage, Berlin: Akademie – Verlag, 1984.
- 7 _____. **Vorlesungen über das Wesen der Religion**, gegenüber der 2., durchgesehenen, unveränderte Auflage, Berlin: Akademie-Verlag, 1984.

Obras de caráter geral

- 1 CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- 2 Catecismo da Igreja Católica, 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1993.
- 3 HAHN, Paulo. **Consciência e Emancipação: Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach**, São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.
- 4 KÜNG, Hans. **Existe Deus?**, 4ª edição, Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.
- 5 _____. **Existiert Gott?**, München: R. Piper & Co. Verlag, 1978.

6 MONDIN, Battista. ***O homem, quem é ele?: elementos de uma antropologia filosófica***. São Paulo: Paulinas, 1980.

7 OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. ***Filosofia Transcendental e Religião***, Ensaio sobre a Filosofia da religião em Karl Rahner, SP: Loyola, 1984.

8 RABUSKE, Edvino A. ***Antropologia filosófica***. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

9 REALE, Giovanni & Antiseri, Dario. ***História da Filosofia***, vol. III, Do Romantismo até nossos dias, SP: Paulinas, 1991.

10 SERRÃO, Adriana Veríssimo. ***A Humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o Projeto de uma Antropologia Integral***, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Empresa do Diário do Minho, 1999.

11 SOUZA, Draiton Gonzaga de. ***O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach***, 2ª Ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

12 WEGER, Karl-Heinz. ***La Crítica Religiosa em los tres últimos siglos***, Barcelona: Herder, 1986.

13 ZILLES, Urbano. ***Filosofia da Religião***, SP: Paulinas, 1991.

14 _____. ***O Problema do Conhecimento de Deus***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.